SERVO de Deus e AMIGO de todos

Maksym Krupskyi

Maksym Krupskyi

SERVO de Deus e AMIGO de todos

Tradução
Sueli Ferreira de Oliveira

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP
2025

Sumário

1 Abril p. 8 — Amizade abalada por causa de um mal-entendido

2 Viagem p. 19 — Jogos versus realidade

3 Espelho p. 29 — Hora de receber as instruções para a próxima aventura

4 Na água p. 42 — Caiaque ou balsa? O importante é estar com os amigos!

5 Conversas p. 54 — A visita a uma amiga e conselhos importantes

6 Contato p. 70 — Léo toma a decisão mais importante de sua vida.

Abril

1

Finalmente, o sol saiu! Léo estava olhando para o céu, apertando os olhos. As nuvens se moviam rapidamente, uma brisa fresca ainda soprava em seu rosto. É isso aí! Dificuldade em acordar cedo e sair da cama já é coisa do passado! Imagine que você está deitado em uma cama quentinha, ainda no escuro, sonhando com algo bom. Lá fora a manhã está fria e monótona, e então você ouve:

- Léo, levante-se! Você vai se atrasar para a escola!

- Mãe, só mais um pouquinho. Só mais 5 minutos.

- Quando eu disse para você desligar o computador e ir para a cama, o que você respondeu? "Mãe, só mais um pouquinho... 5 minutos..." Quer saber? Todos os dias você tem 1.440 minutos. Nenhum minuto a mais. Quanto você gasta dormindo é com você. Agora é hora de se levantar e ir para a escola.

- Que maldade! - Léo resmungou e cobriu a cabeça com o cobertor.

O garoto se levantou, engoliu o café da manhã e correu para a rua. Faltavam 20 minutos para a aula começar. O vento cortante chicoteava seu rosto; ainda sonolento, Léo pisou em uma poça. Ele afastou as amargas lembranças e olhou para seus amigos.

- É um bom dia, não é?

- Hum-hum.

Igor e Felipe olhavam seus celulares. Os polegares estavam em constante movimento. De tempos em tempos, suspiravam, faziam pausas e pressionavam a tela novamente.

- Ei! Tudo bem? Podemos ir agora?

Não houve resposta. Léo suspirou, pegou seu celular e, 1 segundo depois, um pequeno carro com uma grande arma começou a se mover na tela.

- Ei, a aula vai começar. Vocês não vão entrar? - Natália, a monitora da turma, chamou os rapazes.

Léo jogou sua mochila sobre o ombro e se arrastou para a sala. **Matemática. Duas aulas. Dona Eleonora. Desanimador...** A professora de Matemática sabia muito bem a matéria. Mas parecia que nada mais lhe interessava na vida além de fórmulas e equações, então nada mais era permitido em sala de aula: nada de conversas sobre o clima, nenhuma fala sobre as condições dos problemas. NADA. Apenas Matemática. E as notas médias do semestre eram matematicamente verificadas. O violão que Léo tinha ganhado dos pais por ter melhorado na escola ajudava a aliviar o aperto no peito depois de mais um teste.

Mas, desta vez, Dona Eleonora estava diferente. De maneira gentil e maternal, ela começou a contar sobre a época em que tinha se formado no Ensino Médio e como era importante escolher o caminho certo na vida, fazer bons amigos e...

Ao ouvir falar sobre bons amigos, Léo se perdeu em seus pensamentos:

Ah, onde você está, Marcos?... Você foi embora... O pai de Marcos não havia conseguido encontrar trabalho, e a família teve que se mudar para outra cidade. Léo às vezes enviava mensagens, mas Marcos tinha decidido que seria médico e levava isso a sério, então respondia: "Eu respondo depois" ou "só me dá 5 minutos." Isso sempre encerrava o diálogo.

Léo suspirou. **Daniel...** Os amigos não se falavam havia dois meses. **Isso é tudo por causa dele. Ele é muito teimoso!** Em fevereiro, Daniel tinha pedido a Léo para tocar violão para ele e outros amigos de sua classe em uma competição entre escolas. Primeiro, Léo concordou, mas não gostou muito da música (como ele havia dito a Daniel, não era uma versão para violão, mas para piano) e, na verdade, Léo tinha medo de se apresentar no palco. Ele conseguia tocar os acordes no violão, até dominava alguns padrões de dedilhado, mas

no fim ele recusou, dizendo que estava ocupado. Agora Léo se sentia culpado, porque Daniel ficou ofendido e disse:

- Ocupado, ocupado... se você não quer tocar, é só dizer. É muita mentira!

- Mas eu não estou mentindo... eu simplesmente não posso nesse dia. E eu não tenho um captador, então você não ouviria nada...

- Certo, e as cordas estão frouxas...

Em resumo, Daniel não acreditou nele, e eles discutiram. **O que devo fazer agora? Admitir que menti? Dizer que tinha medo de tocar no palco?** Léo decidiu esperar que a situação se resolvesse por si só. Mas Daniel ficou quieto, não ligou, e o silêncio terrível entre eles ficou alarmante. Uma vez, a mãe perguntou por que Daniel tinha parado de visitá-los, mas Léo apenas murmurou algo.

- Léo, venha até o quadro - a voz de Dona Eleonora trouxe Léo de volta à sala de aula.

Todos olharam para ele com surpresa. Igor tentou despertar o amigo:

- Ei, acorde! Ela já chamou você três vezes!

- Meu querido Leonardo! Você ainda está conosco? Ou está em outro planeta?

- Estou indo, estou indo.

Léo foi até o quadro sob o riso de seus colegas de classe.

- Tudo bem, agora é hora de verificar o dever de casa. Eu disse que alguém faria isso no quadro. Leonardo está tão absorto em resolver equações que nem ouve a professora. É hora de mostrar todas as suas habilidades.

Todos riram novamente. Léo olhou para o quadro. Ele tinha passado a noite anterior inteira revisando as fórmulas e fazendo sua lição de casa com muito cuidado, o que era estranho até para ele mesmo. Pelo menos uma vez ele queria se sentir confiante na aula de Matemática. Mas, de manhã, parecia que tudo tinha saído de sua mente outra vez. Léo olhou para Gabi, uma excelente aluna que sempre estava na primeira carteira. Ela estava levantando a mão com todas as suas forças e sussurrando:

- Posso... Posso? Eu sei a resposta. Posso responder?

Um pouco mais adiante, Léo podia ver o topo da cabeça de Igor; ele estava curvado e fazendo de tudo para não ser o próximo. Léo olhou para o quadro mais uma vez e... começou a escrever lentamente com um pedaço de giz.

- Bem, bem, vamos ver.

A professora olhava para Léo com surpresa.

- Começou bem...

Passou mais um pouco de tempo, e Léo pousou o giz e disse timidamente:

- Acho que a resposta é 1.

- Você está perguntando ou respondendo?

- Estou respondendo, 1.

Houve silêncio na sala de aula. Dona Eleonora parecia um pouco perplexa.

- Leonardo, o que posso dizer? Está certo! Pelo menos alguém realmente fez sua lição de casa. Você recebeu a nota máxima. Volte para o seu lugar.

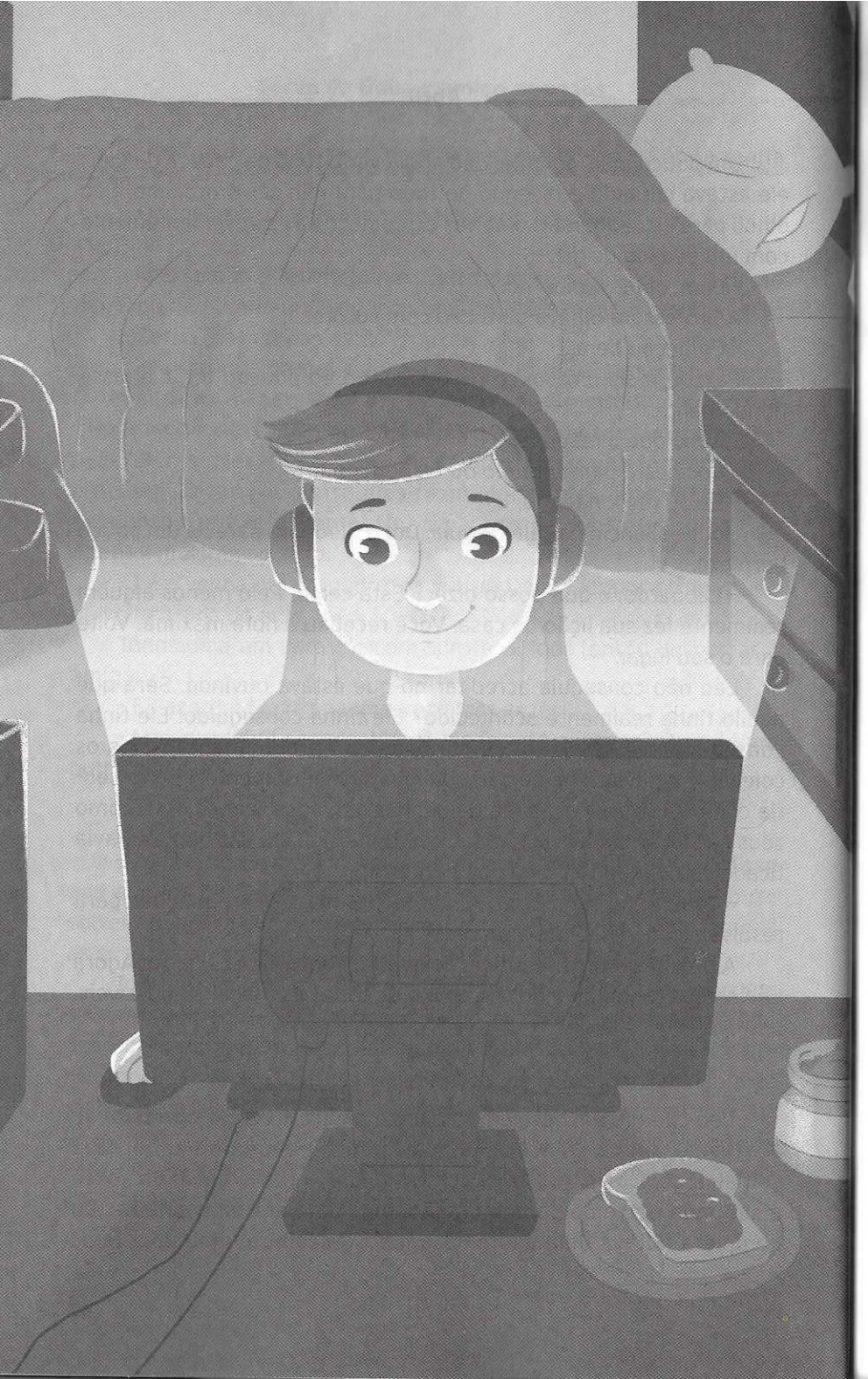
Léo não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Será que aquilo tinha realmente acontecido? Ele tinha conseguido! Ele tinha conseguido! Feliz, ele voltou para sua carteira enquanto todos os colegas o olhavam. Felipe batia palmas silenciosamente. Léo se sentia como se tivesse acabado de ganhar os Jogos Olímpicos. E como seus pais ficariam felizes! Afinal, não tinha sido em vão que ele havia ficado estudando tanto na noite anterior!

- Tudo bem, tudo bem. Ainda temos mais três equações para resolver. Igor, venha até aqui...

A próxima vítima se dirigiu ao quadro com a cabeça baixa. Agora Léo estava tentando ajudar o amigo de todas as maneiras possíveis.

***

Léo chegou em casa empolgado e alegre. **Preciso comemorar a vitória sobre a Matemática!**, pensou enquanto saboreava seu almoço. **Como posso fazer isso?** Ele já havia decidido sobre a segunda parte da comemoração, mas para ser uma celebração completa faltava uma sobremesa. Léo vasculhou rapidamente as



prateleiras da cozinha. Não encontrou nem mesmo um docinho. Finalmente, ele achou um pote aberto de geleia de groselha e correu para o quarto. Ele não se esqueceu de pegar algumas fatias de pão e uma colher.

Agora era hora da segunda parte da "recompensa" por um dia tão bem-sucedido na escola. Enquanto Léo estava esperando seu jogo favorito carregar, de repente lembrou que haveria reunião do clube. Léo suspirou e começou a pensar: *Se eu vou à reunião, preciso fazer minha lição de casa. Mas é bom fazer a lição quando você está descansado e de bom humor... E, se eu jogar agora, não vou ter tempo de fazer a lição. Ou se eu for à reunião... Só vou ter meia hora para jogar.* Léo não acreditava em si mesmo. Nunca era realmente apenas meia hora, mesmo quando uma prova estava se aproximando. *Tudo bem! Vou jogar um pouco. Eu vou lidar com o resto depois!*

Com esses pensamentos, Léo comeu outra colherada de geleia, aumentou o volume e apertou o botão "iniciar".

***

Na reunião do clube, Léo estava aborrecido. Ele não tinha passado de fase no jogo; não estava indo bem. Tinha feito sua lição de casa às pressas. Seria difícil ficar em casa, porque a mãe havia chegado e começado a perguntar por que ele não queria ir para o clube. E agora ele estava chateado, sentado e ouvindo um instrutor. Daniel também estava lá. Ele não o cumprimentou e se sentou do outro lado da sala. Isso deixou Léo ainda mais aborrecido.

No início da reunião, André contou uma história sobre um herói bíblico (José, para ser mais preciso) e suas desventuras na prisão no Egito.

– Na verdade, pessoal, nós realmente subestimamos as civilizações antigas. Parece-nos que não pode haver nada interessante se não houver eletricidade e internet.

– O que há de interessante no Egito? – perguntou Henrique.

Para ele, História era uma das matérias mais chatas. Quando André começou a falar sobre o Egito, o garoto franziu a testa.

- Deserto, múmias, algumas panelas e desenhos obscuros nas pedras. Mas também odontologia, encanamento, projetos legais, como templos e pirâmides. Além disso, naquela época, o Egito era mais um jardim florescente do que um deserto. Mesmo hoje, os cientistas não sabem como certas construções foram feitas sem guindastes e tecnologias modernas. E a vida pode ser interessante sem a internet.

- Posso perguntar uma coisa? - interrompeu Helena, levantando a mão. - Havia desbravadores no Egito?

Todos riram alto. André disse com um sorriso:

- Com certeza. Quem pode ser chamado de desbravador?

- Alguém que ama a natureza. Alguém que é honesto, gentil, que ama a Deus - respondeu Henrique, que tinha se juntado recentemente ao clube e estava na primeira fileira.

- Correto. José era exatamente assim. Ele sabia que Deus vê tudo o que fazemos e dizemos, e tentava ser obediente. Naquela época, as pessoas estavam muito mais próximas da natureza, dos animais, e sabiam como sobreviver nas condições mais adversas. Portanto, podemos dizer que eram desbravadoras.

- Como um homem tão honesto e bondoso foi parar na prisão? - alguém perguntou.

Os rapazes começaram a discutir se um homem bom e honesto poderia acabar na prisão. André acalmou a todos:

- Pessoal, prestem atenção aqui. A Bíblia conta como José foi parar na prisão. De fato, é possível que pessoas inocentes acabem presas. Os juízes nem sempre conseguem entender a situação. Eles são humanos e também cometem erros.

- É assustador ser juiz - disse Helena, balançando a cabeça.

- Bem, vamos ver o que aconteceu. José ajudou um homem na prisão quando, com a ajuda de Deus, explicou o significado de seu sonho. Ele pediu a esse homem, que ocupava uma posição elevada no palácio do faraó, para se lembrar dele e interceder por ele quando saísse da prisão. Quem se lembra qual era a ocupação desse homem?

André olhou para os desbravadores e viu três mãos levantadas.

- Deixem o Henrique responder.

- Copeiro. Ele era o copeiro.

- Bom. Mas quem era ele? O que ele fazia? Essa profissão ainda existe?

- Sim - disse Léo -, há copeiros que ficam do lado de fora da nossa loja. São "copeiros" porque estão sempre com os copos tão cheios de vinho que mal conseguem falar duas palavras. E às vezes eles ficam caídos nas calçadas...

- Léo, não era isso o que eles faziam - falou André. - Na verdade, naquela época, o faraó poderia ser envenenado. Além disso, apenas bebidas da mais alta qualidade eram levadas a ele. Portanto, esse homem era um confidente do faraó, testemunhava muitas coisas que aconteciam no palácio, e, além de tudo o que fazia, ele tinha que ficar de boca fechada.

- Mas, mesmo assim, ele não ajudou José.

- É, ele esqueceu. Às vezes acontece que até os amigos esquecem algo bom que aconteceu no passado e não se agradecem mutuamente.

Nesse ponto, Daniel levantou a cabeça e disse:

- É verdade, acontece. Assim como acontecia nos tempos antigos, acontece hoje em dia. Os amigos não têm disposição em ajudar quando você precisa.

Léo percebeu que se tratava dele e ficou vermelho como um pimentão. Ele se inclinou sob a mesa e começou a mexer na mochila para que ninguém pudesse ver seu rosto.

Daniel não vai deixar isso barato. Talvez eu devesse tê-lo ajudado naquela ocasião. Olhe só como ele está chateado!, pensou Léo, continuando a procurar algo na mochila. Finalmente, ele conseguiu encontrar um pirulito que parecia estar na mochila por muito tempo. Léo colocou-o na boca e se endireitou.

- Sim, pode acontecer isso. Esta é a lição de hoje: se alguém fizer o bem a você, não se esqueça de agradecer. Se possível, ajude a pessoa que um dia o ajudou. A propósito, passaram-se dois anos e o copeiro se lembrou do que José tinha feito por ele e pagou sua dívida. Mas essa é outra história. O mais importante é que devemos lembrar que um dia Jesus veio à Terra para salvar as pessoas. Nunca poderemos retribuí-Lo completamente por isso, mas podemos fazer a nossa parte sendo gentis com os outros e contando o que Jesus fez por todos nós.

- Isso é ótimo! - Helena disse.

- De qualquer forma, acho que deveria ser chato viver no antigo Egito - Henrique estava agitado -, assim como na Grécia antiga.

- Parece que alguém não gosta de História - Diego, um dos instrutores que estava sentado em silêncio e ouvindo, disse com um sorriso. - O que realmente importa são os relacionamentos, a amizade, o amor! E não é tão importante se há eletricidade ou não. Hoje em dia, quando as pessoas querem criar um clima especial, acendem velas, e é muito bom quando alguém pode conversar sem as distrações constantes de um celular. Concordam?

Todos concordaram. André propôs que orassem pedindo para ser verdadeiros amigos uns dos outros e se lembrar de todas as coisas boas que as pessoas fazem por eles. Após a oração, ele disse:

- Antes de continuarmos, quero falar sobre nossos planos para o futuro.

Havia empolgação no ar.

- Como prometemos, teremos um passeio com caiaque e *rafting*.

- Viva!

- Vai ser uma aventura especial, mas teremos que nos preparar para isso. Na próxima reunião, veremos regras de segurança na água. Cada um de vocês precisará conhecê-las de cor. Combinado?

- Combinado!

- Com a ajuda de Deus, planejamos percorrer 23 quilômetros pelo rio e parar à noite. Montaremos barracas, faremos o jantar, descansaremos e percorreremos mais 17 quilômetros no dia seguinte. O tio Pedro estará com seu caminhão e um ônibus nos esperando para carregar as balsas e os caiaques nele. O que acham? Está bom para vocês?

- Ótimo! - disse Helena.

- Por que apenas dois dias? Não é o suficiente - falou Henrique.

- Vocês terão que trabalhar muito e, acreditem em mim, será o suficiente. Se der certo, poderemos fazer de novo em outra ocasião.

- Está bem.

- E agora é hora de outra atividade. Diego preparou algo maravilhoso para vocês. Trabalharemos por 30 minutos e depois faremos flexões em uma barra horizontal. Um pouco de exercício será bom para nós!

- Por favor, a barra horizontal não! - reclamou Wagner.

- A barra horizontal sim - sorriu André. - É hora de deixar todos vocês em forma.

***

Voltando para casa, por algum motivo Léo não conseguia parar de pensar em José. Sua mente estava cheia de perguntas. Se José era justo e bondoso, por que ele foi preso? Se Deus queria que ele se encontrasse com o faraó, por que não arranjou esse encontro de uma forma diferente? Se José acreditava em Deus e sabia que Ele o ajudaria em cada fase da vida, por que pediu ajuda ao copeiro? Será que ele estava cansado da prisão, apesar de todo o seu sucesso lá? E se eu fosse colocado na prisão por algo que não fiz, seria capaz de suportar?

Na verdade, Léo tinha bastante medo dessas perguntas, porque elas estavam associadas a algo muito importante. Ultimamente, ele olhava para o céu muitas vezes, mas não orava mais e não tinha vontade de falar sobre Deus com seus pais. Ele também não queria ler a Bíblia todos os dias, hábito que tinha adotado depois do primeiro acampamento dos desbravadores. Ele ia para a cama tarde e acordava de manhã com a cabeça pesada, mal tendo tempo para tomar o desjejum e correr para a escola. Na semana passada, havia se atrasado duas vezes e recebido advertência da coordenadora. Léo olhou para o céu novamente e suspirou: Tudo é tão complicado... Provavelmente José também olhava através das grades na prisão e esperava que a vida ficasse mais fácil e interessante... E isso aconteceu! Queria que fosse assim comigo, que pudesse fazer algo importante, ganhar muito dinheiro e comprar tudo o que quisesse... Léo se deixou levar pelos sonhos, mas quando pensou em seu conflito com Daniel, os sonhos desapareceram como fumaça. Para Daniel, era como se Léo tivesse agido como o copeiro, esquecendo algo bom que Daniel tinha feito por ele no passado? Do que ele tinha se esquecido? Léo começou a lembrar de suas aventuras, viagens e suspirou novamente. Daniel era um grande amigo, sempre pronto para ouvi-lo, compartilhava seu lanche com ele, ajudava com

as tarefas de casa quando as coisas estavam difíceis... **Mas o que a situação com o violão tem a ver com isso? Um amigo nunca o colocaria em uma situação desconfortável, especialmente no palco...** Léo decidiu que, de qualquer forma, estava certo e não pediria desculpas a Daniel.

Dez minutos depois, ele estava em casa. Sua mãe estava ocupada na cozinha, e o pai, apesar da hora, ainda não havia chegado. Trabalho, tanto trabalho... Léo pegou alguns pãezinhos e uma laranja e, 5 minutos depois, sem sequer trocar de roupa, "grudou" na tela do computador. **É assim que você pode se esquecer de todos os problemas e se animar rapidamente**, pensou consigo mesmo, tentando pressionar os botões do teclado e ao mesmo tempo dividir a laranja em gomos. Após essas tentativas, o teclado ficou todo melecado.

Viagem 2

Léo não pode acreditar no que vê. Segurando firme o volante, ele encara o enorme painel. As setas vermelhas apontam para zero, mas em breve elas darão um salto. Léo olha ao redor. O carro é incrível: bancos esportivos pretos costurados com linha vermelha, transmissão automática com modo esportivo, bancos aquecidos, controle de clima de duas zonas, uma enorme tela multimídia. Léo se estica e liga a música; o som vem de oito alto-falantes. Ele congela por um momento, depois alcança o botão Start/Stop *e o som do poderoso* W8 *é ouvido através da música, a seta vermelha se contorce pronta para subir até 6 mil. "Esse é o momento em que vou mostrar a todos o que posso fazer", pensa Léo, olhando pelo retrovisor.*

Léo muda para o modo drive *e sai do estacionamento. É noite, não há ninguém por perto. "É hora de testar tudo o que este carro pode fazer", pensa e sai. O rugido do motor aumenta e logo o ponteiro do velocímetro aponta para 100. "Talvez eu não devesse dirigir tão rápido, mas não há ninguém por perto..." Léo pressiona o pedal do acelerador: "Tão estranho. Está muito deserto." Mas Léo já tinha estado ali antes. Muitas vezes. Logo passará por um posto de gasolina. Depois, um supermercado, a curva para a entrada do depósito, a ponte, o calçadão.*

"Bem, enquanto tenho a chance, devo dirigir o máximo que puder", pensa. O carro com câmbio automático é fácil de dirigir, basta pisar no acelerador e no freio. Léo aumenta o volume da música, mas

a ausência de outros carros e pedestres o incomoda: "Onde está todo mundo? Geralmente, mesmo à noite, ainda há alguém na rua. Pelo menos taxistas."

"Para quem posso contar que estou dirigindo um carro tão legal pela cidade? Igor? Luís? Já está tarde. Daniel não é uma opção, seja dia ou noite." Por um momento, Léo se imagina ligando para os pais:

"Olá, mãe. Vou me atrasar hoje à noite. Não espere por mim."

"Tudo bem, então. Você não está com fome? Tenha cuidado."

Léo sorri. Claro, isso tudo é apenas em sua imaginação. Sua mãe acordaria seu pai e eles começariam a gritar ao telefone: "Léo, de onde você está falando? De quem é o carro? Volte para casa agora mesmo! Melhor: pare! Seu pai está indo buscar você. Pare o carro! Onde você conseguiu isso? Pare agora!"

Mas ele é adulto agora. Ele decide para onde e quando ir. Léo pisa no acelerador e o carro dispara pelas ruas a toda velocidade. Em um semáforo vermelho, Léo decide parar. O carro faz um ronco satisfatório, e Léo pressiona o pedal do acelerador repetidamente. Assim que o sinal fica verde, Léo parte. E então algo terrível acontece: um conversível verde que parece ter surgido do nada atinge o carro na porta esquerda. Os air bags laterais são acionados, e pedaços de vidro quebrado cobrem o rosto de Léo. Como o carro está em alta velocidade, ele vira e a parte traseira bate no poste da calçada. Como se estivesse em câmera lenta, Léo olha novamente no espelho retrovisor. Há alguns cortes superficiais em seu rosto, nada dói, mas a cabeça parece pesar: "Meu Deus, sofri um acidente. Preciso chamar a polícia, a ambulância e meus pais." Léo coloca a mão no bolso, mas o telefone não está lá. O carro morre, mas a chave ainda está no contato. A música ainda está tocando. Alguém abre a porta do passageiro. Logo, um homem de barba usando uma jaqueta de couro olha para dentro:

"Ei, você está vivo?"

"E... Eu..."

"Tudo bem, saia por este lado. Precisamos nos apressar."

"Por que a pressa?", pensa Léo. Mas sua cabeça não está funcionando bem, então ele decide fazer o que lhe dizem. Depois de sair do carro, Léo começa a procurar o telefone nos bolsos, mas realmente não está lá.

"Posso fazer uma ligação?", ele pede ao homem.

"Para quem?"

"Para a polícia? Para casa?"

"Não agora", responde o homem, um tanto perturbado.

"Por que não?"

"Estamos em perigo. Precisamos nos apressar."

"Que perigo?"

Léo olha ao redor. Não há ninguém por perto, apenas outro carro destruído no cruzamento. Sai fumaça de baixo do capô.

"Então foi você quem bateu no meu carro?"

Léo sente o medo dominá-lo, e suas mãos ficam fracas.

"Quem mais poderia ser? Foi apenas um acidente. Fico feliz que você esteja praticamente ileso. Arranhões não contam. Vamos sair daqui."

"Eu não vou a lugar nenhum com você!", Léo quase grita. "Onde posso encontrar um telefone? Preciso fazer uma ligação!"

De repente, ouve um som ao longe.

"Oh, isso é para nós! Eu aconselharia você a se esconder em algum lugar", o homem diz, abrindo a jaqueta.

Léo vê o cabo da arma. Seu coração começa a bater tão alto que parece que vai sair do peito. Léo se sente febril, a cabeça latejando de dor. O acidente já não parece tão terrível.

"Quem são eles? Estão procurando por você?"

"E por você", responde o homem para Léo. "Eu tenho algo no porta-malas de que você pode precisar."

O som está se aproximando. Léo está prestes a correr até o carro do homem barbado, mas é tarde demais. Há um assobio no ar. Léo vê o vidro do carro quebrar, depois ouve o pneu perfurado chiando. "Estão atirando em nós!" Com todas as forças, Léo corre para o pátio, sentindo as pernas pesadas como chumbo. Mas então ouve um estrondo alto e sente uma onda de calor cobri-lo, derrubando-o. Seus joelhos machucados doem, suas calças estão rasgadas e há um zumbido em seus ouvidos. Léo é tomado pelo pânico; gritando, ele corre para a porta mais próxima que leva ao porão e desce as escadas. Então ele puxa a porta com toda a força:

"Deixe-me entrar, deixe-me entrar, eles estão atirando! Socorro!"

Mas de repente, ao longe, Léo vê algo. Um tanque? Soldados? O tanque está girando ameaçadoramente a arma em diferentes direções, e os soldados marcham atrás dele. "Uma guerra? A guerra começou? Onde estão meus pais? Preciso ligar para eles agora." Léo procura o telefone nos bolsos, mas não consegue encontrar. Ele leva a mão à cabeça e começa a soluçar. Um momento depois, ouve outro estrondo e pedaços de gesso caem em sua cabeça. "Preciso correr e me esconder!" Léo puxa a maçaneta da porta novamente e, para sua surpresa, ela se abre facilmente. Apressando-se para dentro, ele vê um corredor com uma aparência de hospital, e no fim dele há uma porta aberta. Léo corre até lá. Ele fica muito surpreso quando vê Daniel tocando guitarra tranquilamente e Marcos folheando uma revista.

"Por que você está sem fôlego? O que aconteceu? Você caiu da bicicleta?", pergunta Marcos.

Léo não consegue recuperar o fôlego. Como um animal encurralado, ele olha de um amigo para o outro, sem entender por que estão tão calmos.

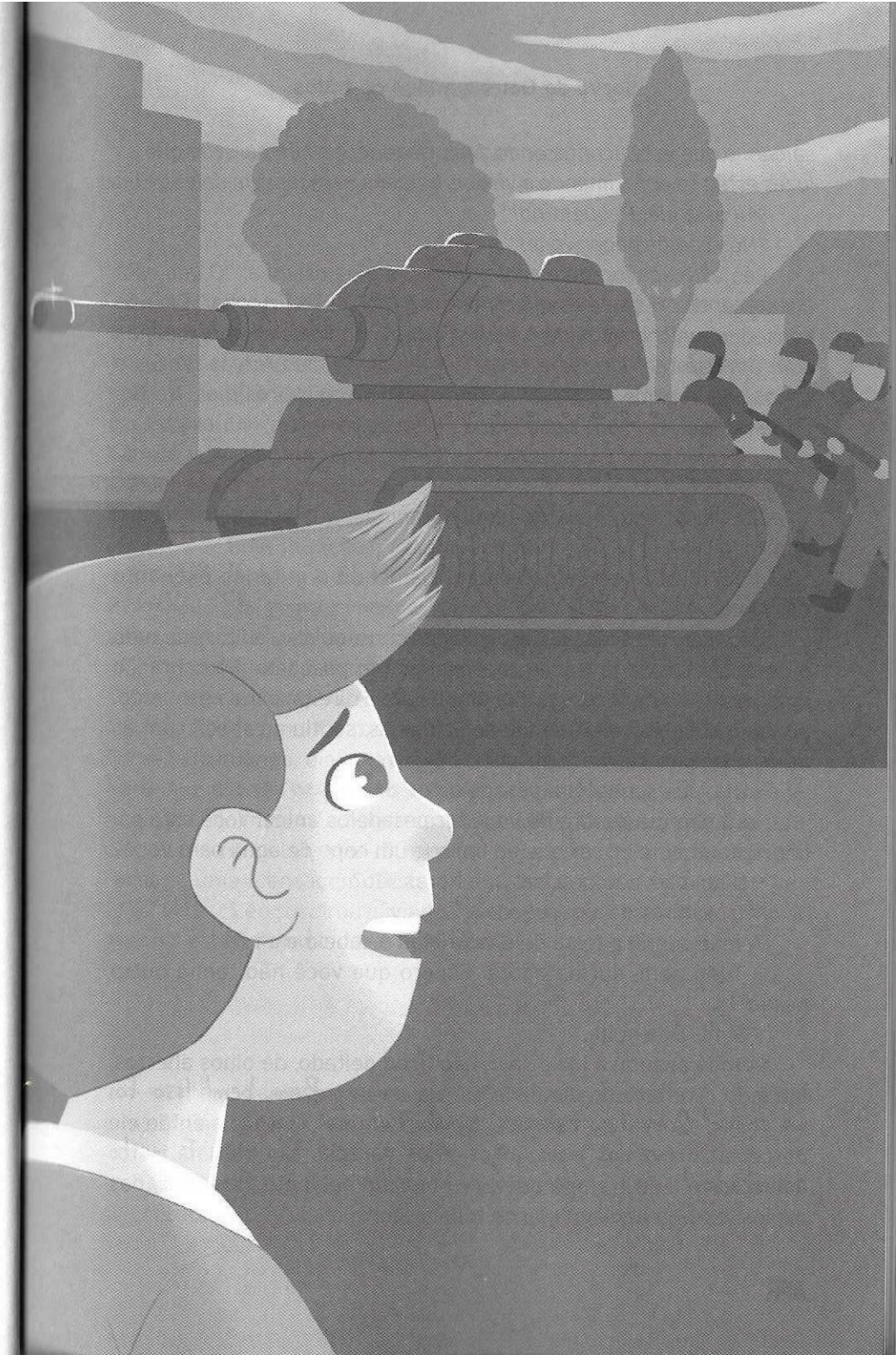
"Ei, vocês não podem... não conseguem ouvir o que está acontecendo? Esses tanques, tiros! Gente... É uma guerra! Deixe-me fazer uma ligação!"

Léo começa a gritar.

"Vamos lá, Léo! Acalme-se, deixe-me procurar um kit de primeiros socorros. Vamos cuidar dos seus joelhos e há um arranhão na sua testa."

Daniel continua tocando a guitarra calmamente, fazendo de conta que não vê Léo. Marcos está prestes a entrar na próxima sala, quando de repente tudo começa a tremer por causa de uma terrível explosão e, em seguida, simplesmente desaba.

Léo acorda. Está deitado em um caminho de concreto úmido entre os trilhos em um túnel. Uma fileira de luzes de emergência fracas ilumina o túnel. Seus amigos não estão ali. "Onde estou? Que lugar é este? Metrô? Como posso sair daqui?" Léo se levanta e segue em frente. De repente, ele ouve um som e se vira. Alguém está caminhando com uma lanterna a 300 metros de distância dele. Não acreditando em sua sorte, Léo se vira e, superando a dor nos joelhos, corre de volta na direção das pessoas. Talvez eles possam tirá-lo dali. Talvez eles



saibam o que está acontecendo. Mas, de repente, Léo percebe que as luzes estão se aproximando e vê dois homens parados. Um deles grita:

"Ali está ele! Peguem-no!"

"Nós vamos pegar você!"

Léo está apavorado e sente um arrepio na espinha: "O que está acontecendo? O que eles querem de mim?! Eu não fiz nada." Ele não consegue ouvir mais nada e está prestes a desmaiar de horror, mas com um esforço, vira-se e corre com suas últimas forças. Vozes e gritos são ouvidos e parecem estar cada vez mais próximos. No fim do túnel, ele vê uma luz que inunda tudo ao redor e...

Léo acorda.

Ele viu o rosto preocupado de sua mãe, que acendeu a luz do quarto.

- Você está bem? Você estava gemendo e gritando enquanto dormia.

Léo ficou em silêncio. Ele ainda não conseguia acreditar que tudo o que acabara de vivenciar era apenas um pesadelo. Seu coração ainda estava batendo forte. Ele olhou para a direita, para a esquerda, puxou o cobertor e examinou seus joelhos, sentiu a cabeça com as mãos e suspirou aliviado.

- Ufa, que sonho! Um pesadelo!

- Eu não me lembro de você ter pesadelos antes. Você está pálido. Está doente? Quer que eu busque um copo de água para você?

- Não, mãe, não precisa. Que horas são?

- Três horas da madrugada.

A mãe sentiu a testa dele, acariciou o cabelo e disse:

- Tudo bem, durma agora. Espero que você não tenha outro pesadelo.

- Sim... Boa noite.

A mãe apagou a luz e saiu. Léo ficou deitado, de olhos abertos, olhando o reflexo da lâmpada da rua no teto. **Bem, bem! Isso foi um sonho! Corridas, tanques, túnel. Tudo foi como...**, e então ele percebeu, **como nos meus jogos. Mas parecia tão real. E muito assustador!** Léo tremeu ao se lembrar do acidente, dos tiros, das explosões e da perseguição no túnel escuro.

Demorou um pouco para ele pegar no sono. Léo acordou com a cabeça pesada e caminhou para a escola.

***

Preciso contar a alguém sobre o sonho! Mas para quem? O que foi tudo aquilo? Léo mal estava ouvindo o professor.

Suas aventuras noturnas não saíam de sua cabeça. **Foi tão real! E se algo assim acontecesse de verdade? O que eu faria? Eu estava com tanto medo. E o Daniel e o Marcos estavam tão calmos... Eu me pergunto como eles agiriam se aquilo fosse real. Daniel poderia permanecer calmo, mas o Marcos certamente não. Ele ficaria correndo em círculos, gesticulando e gritando**, Léo se lembrou de uma situação no acampamento e sorriu. **Devo ligar para o Daniel? Já é hora de fazer as pazes... Vou contar a ele sobre o sonho... Ele provavelmente vai dar uma lição de moral... Ah!**, Léo suspirou e tentou se concentrar na aula.

O sinal tocou. Léo não ousou ligar para o amigo, mas decidiu enviar uma mensagem. Ele digitou algo e mudou o texto dez vezes. No fim, ficou com: "Oi, preciso encontrar vc. Depois das 16 horas." De vez em quando, ele olhava para a tela do telefone, mexendo nela: **Será que ele vai responder ou não?** O sinal para a próxima aula já havia tocado, mas não houve resposta. Decepcionado, Léo guardou o telefone no bolso, mas 15 minutos depois ele se animou quando recebeu uma mensagem. "Estarei em casa depois das 15 horas, venha." **Ufa...**, Léo suspirou aliviado. **Pelo menos ele respondeu... Agora preciso estar pronto para a conversa.**

***

- Oi.

- Entre - Daniel convidou Léo. - Pendure seu casaco ali. Vá para o meu quarto. Ainda lembra onde é?

- Lembro.

No quarto, Léo sentou-se no sofá sem dizer uma palavra. Daniel se sentou em uma cadeira perto do computador. Havia tensão no ar.

Léo tentou sorrir, mas Daniel estava sério.

- Nada mudou aqui desde a minha última visita.

- Não quero mudanças.

- Eu... bem, você sabe... - disse Léo, reunindo coragem. - Eu queria pedir desculpas por... aquela apresentação. Quero dizer, quando eu... aquela com o violão...

- Você quer dizer "pedir desculpas por não se apresentar"?

- Bem, sim... Não foi legal. Mas ainda é cedo para eu tocar em público. E, você sabe, foi um dia ruim.

- Certo, ouvi falar sobre sua agenda cheia. Vovôs, vovós, bolos...

- Então, estamos bem?

- Estamos bem. Mas nada de mais mentiras! Você não é bom nisso. Se você não quiser algo, é só dizer.

- Prometo!

- O que está acontecendo? Você parece cansado. Sua consciência está incomodando? - Daniel sorriu, e Léo reconheceu seu amigo outra vez.

Léo começou a contar ao amigo sobre o sonho que tinha tido. Daniel ouvia atentamente, franzindo a testa. Isso era algo especial sobre Daniel. Marcos já teria feito uns 50 comentários. Mas Daniel era diferente.

- Então foi um sonho. Um pesadelo. Você me contou tudo. A conclusão está feita.

- Qual conclusão?

- Você ainda pergunta? Pare de jogar!

Léo franziu a testa.

- Você fala como se nunca tivéssemos passado horas jogando neste quarto.

- Bem, talvez sua mente fosse mais resistente aos jogos antes.

- Ah, pare com isso.

- Tudo bem, tudo bem. Eu jogo às vezes. Mas menos agora. E os jogos são diferentes.

- Jogos chatos de estratégia...

- Nós vamos brigar de novo agora. E quanto aos seus jogos?

- Bem, para que servem os jogos? Para relaxar, se divertir, ter adrenalina... E deixar o cérebro trabalhar só na escola.

- Na verdade, existem jogos educativos.

- Sabe, Daniel, o sonho parecia tão real. Como se eu tivesse estado lá pessoalmente. E se todas as coisas que vemos nos jogos acontecessem na vida real? Carros atropelariam pessoas. Tanques dispararíam contra prédios. Monstros correriam pelas ruas...

- É apenas um jogo. Ficção. Não leve isso a sério.

- Não, eu estou falando sério. Dói sofrer um acidente. Quando o air bag estoura, esmagando seu nariz, quando o cinto deixa hematomas no seu peito. E isso é na melhor das hipóteses. E se eu encontrasse alguém na rua com uma arma nas mãos, eu fugiria como um coelho assustado...

- Eu não sei. Claro, é melhor não confundir a vida real com a dos jogos. Mas às vezes nós nos sentimos entediados, não temos emoções suficientes, adrenalina ou algo assim, então queremos experimentar algo diferente. Você nunca seria um piloto de corridas na vida real...

- Nem um general ou um cavaleiro...

- Não. Mas quando você passa para um novo nível, parece que é o rei do mundo.

- Bem, você sabe, Daniel, eu posso me tornar um piloto de corridas...

- Você pode, se não ficar na frente do computador até ficar velho. Você precisa fazer algo na vida real. Já decidiu sobre o futuro? Sua profissão?

- Ainda não. Estou pensando.

- Eu também - suspirou Daniel. - Meus pais querem que eu aprenda inglês. E outra língua qualquer. Eles querem que eu vá para a universidade. E onde eu vou trabalhar? Na escola? Ser um professor de inglês como o nosso Sr. Heitor? "Bom dia, alunos, como vocês estão?"

- O que você acha de trabalhar com TI? Você tem sempre seu computador ao lado, cria programas, aplicativos e o dinheiro flui como um rio.

- TI é bom se seus olhos não saltarem de tanto ficar na frente de um computador. Eu preferiria me tornar diplomata, resolver questões importantes, viajar.

- Diplomata, Daniel! Uau! Então vou dizer a todos que tenho um amigo que é diplomata. O Marcos já se decidiu; será médico.

- Mas eu nunca seria um dos pacientes dele.

- Por que não?

- Ele sempre confunde as coisas. E se ele tentar aplicar uma injeção em mim com um termômetro?

Divertido, Léo continuou a imaginar:

- "Do que você está reclamando? Dor no ouvido? Deixe-me fazer uma massagem. Sua perna dói? Bem, apenas um cirurgião pode ajudar."

- Vamos lá! Não deveríamos estar falando assim. E se ele realmente se tornar um bom médico?

- Espero que sim.

Depois de conversarem sobre muitas coisas diferentes, os meninos seguiram com suas atividades.

Espelho 3

De pé diante do espelho e examinando cuidadosamente o rosto, Léo estava pensando em muitas coisas. Ele tinha feito as pazes com Daniel e não podia deixar de se alegrar com isso. No fim de semana, concordaram em pedalar até a represa. Ainda estava muito frio para nadar, mas ir a lugares bonitos e andar pelas trilhas era uma ótima ideia.

Ei, o que é isso? Léo notou outra espinha em seu rosto. *Quando isso vai parar de me incomodar? Ainda bem que minha mãe não está em casa, senão ela teria começado a falar outra vez: "Léo, não toque no rosto! As coisas vão piorar! Apenas deixe e não toque, espinhas não são a pior coisa que acontece às pessoas!"*

Mas a mãe de Léo não estava em casa. O menino tensionou os músculos e tocou no bíceps. *Igor tem bíceps maiores, mas ele vai à academia. Preciso pensar nisso também. Minhas pernas são fortes, por causa da bicicleta. Mas meus braços...*

Léo decidiu não ignorar desta vez. Bem na frente do espelho, ele se abaixou no chão e fez rapidamente 14 flexões. Em seguida, ele se levantou e recuperou o fôlego.

Isso é suficiente por agora. Fazer flexões duas vezes por semana não é o suficiente, é claro; eu queria ter uma barra horizontal aqui... Mas não é o meu ponto forte... Eu nunca consegui fazer dez repetições. Meu tríceps deve estar um pouco

fraco. Ah, é difícil construir músculos. Meu bíceps é forte, mas não o tríceps.

Léo se olhou no espelho outra vez, passou os dedos pelo cabelo e sorriu para si mesmo: Bem, talvez as orelhas se projetem um pouco, mas não muito. Eu posso pressioná-las um pouco... Se eu as pressionar por algum tempo, será que podem grudar na lateral da cabeça?

Léo tentou fazer isso algumas vezes com as orelhas, mas depois desistiu dessa ideia maluca. Diante do espelho, ele não percebeu exatamente quando todos esses pensamentos vieram à sua mente. Léo parecia triste outra vez.

***

Mariana tinha ido morar com a tia para se preparar para ingressar no principal orgulho da cidade, o Instituto Pedagógico, pois ela queria ser professora. Ela sempre teve as notas mais altas e tinha facilidade para aprender. E ela também corria duas vezes por semana, fazia ginástica e música, e se esforçava para frequentar o clube de desbravadores.

***

- Amigos, hoje continuaremos nossa preparação para o *rafting*. E vamos discutir um tópico importante: segurança na água.

André, Renan, Tamara, Marina e outros instrutores estavam presentes. Havia também muitos desbravadores. Todos estavam ansiosos pela tão aguardada aventura, então ninguém perdia as reuniões do clube.

- Estou um pouco preocupada, porque não sei nadar. E se o caiaque afundar? - perguntou Vanessa, alarmada.

- Não se preocupem - disse Lucas. - Claro, vamos orar a Deus para que tudo corra bem. Mas também precisamos estar preparados e evitar situações perigosas para nós mesmos. A água é perigosa, então precisamos estar atentos e ser cuidadosos. Aqueles que forem fazer *rafting* usarão coletes salva-vidas. E aqueles que não sabem

nadar acompanharão os caiaques e as balsas, caminhando ao longo da margem.

- O quê? - Vanessa perguntou com os olhos arregalados, balançando as mãos. - Vamos fazer *rafting* pelo mato?

- Foi só uma brincadeira. Nosso instrutor de educação física, o Renan, dará aulas de natação. Renan, você ensina a Vanessa a nadar?

- Podemos tentar - respondeu Renan, sorrindo para a garota.

- Além disso, todos os instrutores estarão com vocês, e ajudaremos sempre que precisarem.

- Posso ir de caiaque? Eu não quero uma balsa - falou Mateus.

- Eu também não! Por favor! - em uma só voz disseram Daniel, Léo e Tomás.

- Pessoal, só temos dois caiaques de quatro lugares cada - avisou Diego. - De qualquer jeito, alguém vai precisar ir nas balsas. É mais lento, mas qualquer um de vocês pode fazer isso facilmente. Vamos fazer um sorteio?

- É uma ótima ideia - falou Marina. - E ninguém vai ficar chateado!

- Está bem - murmurou Tomás.

- Vamos lá, voltemos ao assunto. Aliás, eu não estou vendo a Mariana. Onde ela está?

- Ela está atrasada, porque tinha uns trabalhos da escola, mas prometeu estar aqui em breve.

- Ouvi dizer que ela nada muito bem e até competiu uma vez. Seria bom tê-la conosco no dia do *rafting* - falou Renan.

- Então, pessoal, por onde começamos? - falou André, lendo umas informações. - Quero ter certeza de que não esqueceremos nada. A cada ano, mais de 350 mil pessoas no mundo se afogam. E 50% dos adultos não sabem nadar ou nadam mal. Não estou tentando assustar vocês, mas quero pedir que levem isso a sério. Ao mesmo tempo, existem pessoas que são como peixes na água. Alguns até fazem longas distâncias em mar aberto, nadando por horas e ganhando um espaço no livro dos recordes.

- Como alguém pode nadar tanto? - perguntou Tamara.

- Bem, eles se preparam, como nós estamos fazendo - respondeu André. - A propósito, essa habilidade é mencionada na Bíblia. Por exemplo, em Ezequiel 47, quando o profeta descreve um rio que flui

do templo e fica cada vez mais fundo, até ser necessário nadar para atravessá-lo. É uma passagem muito interessante da Bíblia. Mas agora voltemos às nossas instruções. Na maioria das vezes, as pessoas se afogam não porque lhes faltam habilidades, mas porque entram em pânico. Portanto, se algo acontecer com vocês na água, a primeira regra é se acalmar. Vocês devem tentar se deitar de costas e relaxar.

- E se tivermos cãibra? - quis saber Tomás, franzindo a testa. - Você simplesmente não consegue relaxar assim. Uma vez tive isso. Dói muito!

- Sim, cãibras podem ser complicadas. Isso acontece quando os músculos estão sobrecarregados ou por causa da temperatura da água. É preciso distribuir a força quando for nadar em um rio ou lago. Além disso, o equipamento de sobrevivência deve ser compacto.

- Eu vi durante competições de natação que todos tinham umas boias alaranjadas nas costas - acrescentou Léo.

- São chamadas de boias de sinalização. Também existem pulseiras salva-vidas. Mas raramente são usadas por aqueles que querem apenas nadar em um lago num dia quente - comentou Renan.

- Há algumas regras simples que vocês precisam saber - disse André -, e depois o Diego contará algumas histórias interessantes que ele viveu na água. Certo?

- Sim! Conte pra gente - gritou Daniel, e todos ecoaram.

- Primeiro as regras, depois as histórias - André reforçou. - Número 1: Não nadem imediatamente após comer! Apenas depois de uma hora e meia ou duas. Número 2: A temperatura da água deve estar acima de 15 graus. Caso contrário, vocês poderão se resfriar demais e até entrar em estado de choque. Então evitem isso. Número 3: Não mergulhem em lugares desconhecidos. Número 4: Não nadem perto de embarcações. Vocês podem ser sugados para baixo do barco ou ser gravemente feridos pelas hélices. Número 5: Vocês não devem nadar em pântanos. Diego vai explicar mais sobre isso. Número 6: Não nadem durante uma tempestade. A propósito, vocês sabem o que fazer se forem arrastados pela correnteza?

- Sim, sabemos - disse Mateus. - Não se deve tentar lutar contra a correnteza. Você deve nadar para o lado até que ela enfraqueça ou você seja levado até a margem.

- Exatamente! Muito bem, Mateus. Muitas pessoas se afogam quando são levadas para longe da costa, tentam lutar contra a correnteza e acabam perdendo as forças. Agora, vamos continuar com as regras. Número 7: Não empurrem ninguém e não tentem afundar alguém na água.

Houve muito barulho na sala. Quase todo mundo já teve um caso em que estava brincando na água e acabou com gosto de água doce ou salgada na boca. Vanessa pediu a palavra:

- Quantas coisas podem acontecer! Talvez eu devesse realmente aproveitar um passeio pela mata.

- Na mata tem cobra, aranha e outros bichos - brincou Henrique.

- Ok, pessoal - André acalmou a todos e continuou -, as duas últimas regras: Não deem falsos sinais de alarme, porque quando vocês realmente precisarem de ajuda, poderão ser simplesmente ignorados. E não joguem lixo perto da água. Vão se lembrar disso?

- Sim - todos responderam e começaram a pedir ao Diego para lhes contar uma história.

- Ei, esperem! Vamos mostrar a todos como é uma pessoa se afogando - acrescentou Marina.

- O que há para saber? - alguém perguntou. - A pessoa grita, agita as mãos e assim por diante.

- Bem, não é bem assim! - Marina fez uma longa pausa até que todos se acalmassem. - Na verdade, as pessoas se afogam muito silenciosamente, quase sem pedir ajuda, porque gastam toda a energia tentando ficar na superfície e respirar. Portanto, tenham cuidado na água; talvez vocês possam salvar a vida de alguém! Muito em breve, aprenderemos como ajudar uma pessoa que está se afogando.

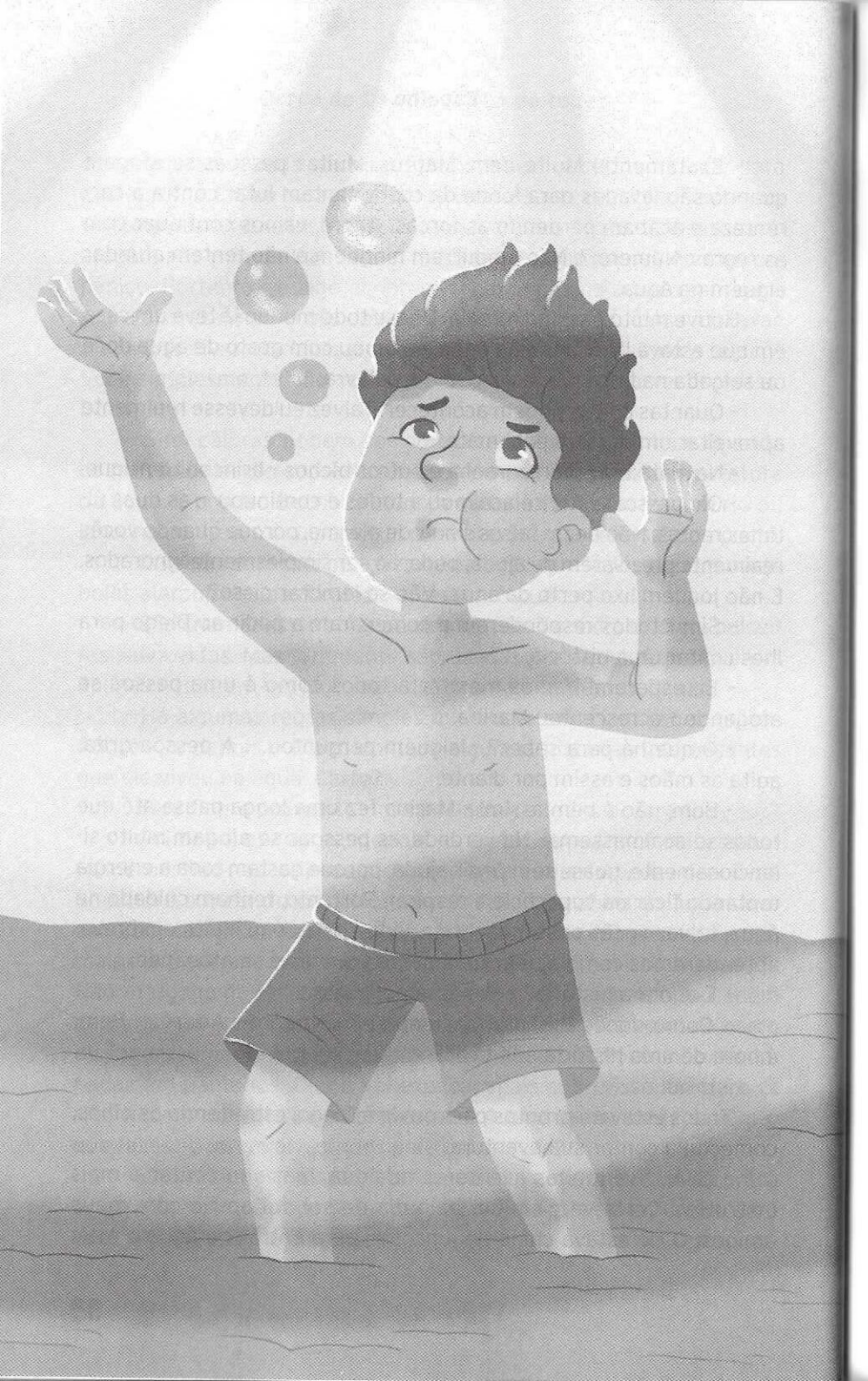
- E agora a história? - Vanessa perguntou.

- Como vocês estão impacientes! - comentou André. - Bem, é hora de uma história edificante!

- U-hu!

Todos estavam prontos para ouvir, e Diego, estreitando os olhos, começou a contar sua aventura.

- Bem, tive muitas aventuras na água, mas vou contar a mais instrutiva. Certa vez, em um belo dia de sol, fui ao rio com meus amigos. O rio estava cheio de juncos e, para entrar na água o mais



rápido possível, pulamos da plataforma de pesca. Todos gostaram de mergulhar na água. Mergulhamos de cabeça, pulamos em posição reta, fizemos cambalhotas e brincamos. Depois de cerca de 20 minutos, subi de volta à plataforma e decidi pular na água com as pernas esticadas. Pulei um pouco para o lado, para não acertar os rapazes na água. E sabem o que aconteceu?

- O quê? Bateu na água?
- Perdeu a consciência?
- Engoliu muita água?

Um após o outro, os garotos perguntaram.

- Não, nada demais, mas foi muito perigoso. A profundidade perto da plataforma de pesca era um pouco maior, e a profundidade onde pulei era de menos de dois metros. O fundo era lamacento e, após o salto, meus pés ficaram presos em um lodo viscoso e espesso.

- Que horror! - Helena disse, cobrindo a boca com a mão.

- No começo nem sabia o que estava acontecendo, mas um momento depois comecei a entrar em pânico. Estava movendo as pernas e agitando os braços o máximo que podia... Mas nada acontecia. Eu não conseguia me mexer. Um pensamento me passou pela cabeça: "Como sou bobo! Estou a apenas meio metro da superfície, sou um bom nadador, e não há nada que eu possa fazer. EU ESTOU ME AFOGANDO!" Vocês sabem, pessoal, quando uma pessoa entra em pânico, o ar se esgota em poucos segundos. Continuei mexendo as pernas, e que bênção foi quando finalmente consegui sair dali. Corri até a margem tentando recuperar o fôlego e voltar à sanidade. Olhei para os meus pés; eles estavam cobertos de lodo. Tive que fazer um esforço para me livrar dele. Que lição podemos aprender com essa situação?

- Não pule com as pernas esticadas! - respondeu Henrique.

- Como devemos pular, então? De cabeça? Para ficar preso com a cabeça? - Wagner e Tomás protestaram, rindo.

- Não, pessoal - Diego respondeu. - Está claro que vocês gostam de pular. Mas, antes disso, precisam saber a profundidade da água, como é o fundo e se há algo na água que pode levar a consequências tristes, como na história de Jenny, uma jovem que ficou paralisada

após um salto mal-sucedido na água. Pode haver grandes rochas, troncos de árvores, plataformas de pesca submersas e até mesmo barcos antigos. Embora a água amorteça os impactos, os danos podem ser muito graves.

- Diego - perguntou Ana -, você continua mergulhando depois desse incidente?

- Por que não? Eu continuo. Mas, para ser sincero, eu não gosto nem um pouco de lodo. Imediatamente me lembro dessa história.

- Vai contar outra história? - Wagner perguntou impacientemente, mexendo na cadeira.

- Vou sim. Esta história é mais séria. Quando eu tinha 14 anos, também tínhamos um ótimo clube de desbravadores na cidade. Todo verão organizávamos um acampamento, e era a melhor época do ano. Montávamos barracas às margens de um rio. Cerca de 1 quilômetro rio abaixo, começavam as corredeiras. Os organizadores sabiam que o acampamento e o local para nadar deveriam estar em um lugar mais seguro, por isso nossas barracas eram colocadas onde o rio era mais largo e a correnteza era mais lenta. Então, um dia, planejamos uma caminhada de 20 quilômetros pelas colinas e rochas próximas.

- Vinte quilômetros? Isso é uma caminhada para o dia inteiro? - perguntou Léo.

- Sim. Saímos depois do café da manhã, e meu grupo retornou às 16 horas. Fomos um dos primeiros, e eu estava muito feliz com isso. O acampamento estava vazio, e o caiaque, que quase sempre estava ocupado por meninas que pediam para dar um passeio, estava à beira do rio. E foi aí que pensei: "Estes são os últimos dias do acampamento, e eu nem sequer tentei andar neste maravilhoso caiaque para quatro pessoas! Esta é a minha chance!" Era um dia muito quente, eu estava cansado, mas o pensamento de andar de caiaque não me deixava em paz. Fiquei rondando, procurando um adulto para convencê-lo a fazer um passeio curto comigo.

- Você não poderia ir sem adultos? - perguntou Henrique.

- Não, e vocês verão em breve o porquê.

- Vamos lá, o que aconteceu depois? - perguntou Tamara. - Não me lembro de você já ter contado essa história.

- É verdade, não penso muito nisso. De tempos em tempos, os pais dos desbravadores iam ao acampamento, e havia um homem com uma garota na margem. Ele começou a desamarrar o caiaque. "Vocês vão de caiaque? Posso ir com vocês?", pedi. "Você sabe remar?", ele perguntou. Eu o assegurei de que sim, embora nunca tivesse nem segurado um remo. "O que há de tão difícil nisso?", eu pensei. "Remo para a direita, remo para a esquerda, é isso!" Tudo bem, fomos lá. De repente, do nada, apareceram mais duas meninas, uma com 10 e outra com 14 anos. Um minuto depois já estávamos saindo da margem do rio. Em seguida, descobri que remar não era tão fácil, e eu molhei todos que estavam no caiaque. Mas logo peguei o jeito e começamos a remar ao redor de pequenas ilhas. Essa era uma rota segura que levava de 15 a 20 minutos. Depois, havia outra ilha maior e imediatamente depois dela começavam as corredeiras. Foi só quando estávamos no meio do rio que percebi o quão poderoso e rápido ele era. Depois de cerca de 10 minutos, comecei a me preocupar. Quando o barulho das corredeiras começou a aumentar, ficou claro que tínhamos ido longe demais. Poucos momentos depois, vimos que a correnteza era muito forte e não tínhamos chance de virar e evitar as corredeiras. "Vamos tentar chegar até a ilha!", disse o homem, preocupado. Eu observei com horror que havia uma nuvem de água distante sobre as corredeiras. O som da água ficava cada vez mais alto. Eu sabia que estávamos em apuros de verdade. Nesse momento, nosso caiaque estava se movendo tão rápido que, mesmo com os movimentos mais intensos do remo, ainda estávamos indo em direção às corredeiras. Elas estavam a apenas 70 metros de distância. Quase alcançamos a ilha, mas quando o caiaque virou de lado, fomos levados a toda velocidade.

- Ah, não! O que aconteceu? - Natália cobriu a boca com a mão.

- A margem da ilha estava coberta de arbustos e árvores. Também era muito alta. Só quando estávamos perto dela percebemos que não poderíamos nos aproximar. Mas o pior ainda estava por vir. Uma das árvores se projetava sobre a água. Ao mesmo tempo, nosso "capitão" e eu colocamos os remos contra o tronco, na esperança de que pudéssemos segurar o caiaque até que todos

pudessem chegar à terra seca. Mas um momento depois o caiaque virou e eu estava debaixo d'água, sentindo a garota que estava atrás de mim agarrar meu pescoço e a correnteza me levar em direção às corredeiras.

- Que terrível! - todos exclamaram.

- Comecei a sufocar, minha visão começou a escurecer. E, quando a corrente me trouxe à superfície, tudo o que consegui fazer foi gritar: "Solte meu pescoço!" Não sei como, mas ela afrouxou, e eu consegui respirar. A próxima coisa de que me lembro foi o remo que me segurava contra uma grande pedra que sobressaía da água e impedia que fôssemos levados pelas corredeiras mortais. Ela passou por cima da minha cabeça até a pedra, e depois eu saí. Meu joelho estava sangrando, mas estávamos vivos!

- Que aventura! - disse Wagner.

- Mas não foi divertido. Comecei a olhar ao redor. Depois que o caiaque virou, o "capitão" e sua filha foram levados para uma ilhota coberta de juncos. O mesmo aconteceu com a garota mais velha. As garotas estavam chorando alto. O homem não soltou o remo depois que o caiaque virou e me segurou com ele quando fui levado pela correnteza, o que me ajudou a sair pela pedra. Meu remo e o caiaque nunca foram encontrados. O caiaque provavelmente foi destruído nas corredeiras. Um pouco depois, um caiaqueiro experiente e seus amigos, balançando a cabeça, nos puxaram um por um para a margem do rio. Eu voltei mancando para o acampamento. E, à noite, foi a hora de conversar sobre o assunto.

- Hmmm, você deve ter se metido em apuros! - disse Daniel, balançando a cabeça.

- Eu não, mas o "capitão", com certeza. O fato é que os coletes salva-vidas estavam no fundo do barco o tempo todo, mas nem sequer os colocamos. Além disso, havia cinco pessoas em um caiaque para quatro. E das cinco, a filha do homem e a garota que agarrou meu pescoço não sabiam nadar.

- Então parece que você salvou a vida dela!

- Na verdade, Deus salvou minha vida e a dela também. Se não tivéssemos conseguido sair pela pedra, provavelmente teríamos morrido nas corredeiras. Mas fico feliz que meu pescoço tenha sido

usado para alguma coisa boa. Ainda não sei o que a fez afrouxar o aperto, porque eu estava quase sufocando, e uma pessoa que entra em pânico dificilmente entende o que está fazendo. Bem, mais tarde descobrimos que não conhecíamos a rota segura.

- Que incrível! - disse Mateus.

- Bem, esperamos que nenhuma história "incrível" como essa aconteça - falou Renan.

E André avisou o grupo:

- Regras de segurança, coletes salva-vidas e nada de ações malucas na água. Combinado?

- Combinado! - os desbravadores responderam em coro.

***

Daniel e Léo estavam olhando seu reflexo na água.

- Será que é fundo? - falou Léo, jogando uma pedrinha e observando-a desaparecer na água.

- Uns 6 metros, no mínimo. Você vai mergulhar?

- Não, tenho medo. Especialmente depois da história do caiaque.

- Ah, vamos lá! É uma boa história; todo mundo saiu são e salvo.

Léo balançou a cabeça e sentou-se na margem do rio. As bicicletas estavam deitadas na grama nas proximidades. Os meninos gostavam de pedalar. Daniel tinha uma bicicleta alemã. E Léo tinha uma *mountain bike* de 21 marchas que ele não conseguia mudar e um quadro pesado com mola de amortecimento integrada. Mas, apesar de algumas dificuldades no uso, os garotos tiravam o máximo proveito delas e andavam felizes em seus "cavalos de ferro". Uma das rotas favoritas era o caminho até a barragem. Havia uma vista linda da cidade, e agora, depois de pedalar mais de 5 (Léo, mais de 7) quilômetros, os garotos estavam descansando perto da água.

- Quanto isso é injusto? Uma pessoa está bem, sonhando, fazendo amigos, mas de repente acontece algo inusitado e... já era!

- Sim, foi assim com o meu avô. Ele estava no jardim de manhã, teve um derrame, uma ambulância veio e ele morreu. Ninguém teve tempo nem de se despedir - suspirou Daniel. - Minha mãe ainda chora

por ele em cada aniversário. Mas ele fumou por 50 anos, então não foi tão inesperado.

Depois de um momento de silêncio, Daniel comentou, lamentando:

- Minha mãe está doente há dez anos, ela tem um problema nas articulações. Dói muito; às vezes ela até chora. Ela toma remédios, mas nada ajuda. Isso também é para o bem?

Léo permaneceu em silêncio, pensativo.

- Olha, eu não deveria ter falado isso. É só que não consigo evitar pensar nisso.

Daniel se levantou e convidou:

- É hora de ir para casa. Vamos?

- É tão bom estar aqui - falou Léo.

Ele olhou novamente para a superfície da água. O sol já estava se pondo no horizonte, mas ele ainda conseguia sentir o calor agradável no rosto e nas mãos. Parecia que, se ele fechasse os olhos, poderia adormecer imediatamente. Com um esforço, ele se levantou e foi em direção à sua bicicleta:

- Tudo bem, vamos. Precisamos voltar aqui na próxima semana. Pode ser?

- Claro, temos todo o verão pela frente. Vamos encontrar tempo para isso!

***

Por que precisa ser assim?, pensou Léo, olhando para o rosto aborrecido de seu pai. Foi um ótimo dia, uma tarde legal. Mas, depois de um dia agitado no trabalho, o pai, cansado e ligeiramente irritado, decidiu dar uma olhada no progresso escolar do filho e "ajudá-lo" na escolha de uma profissão.

- Léo, o que significa isso? Decida o que você quer fazer e comece a se dedicar mais aos estudos. É tão difícil assim? Eu não espero que você tire nota máxima, mas, se você quer seguir na área de exatas, por exemplo, deve ser bom em matemática.

- Ah, eu não sei o que quero fazer. Ainda não decidi.

- Lá vem você de novo!

- Tudo bem, tudo bem - a mãe tentou acalmá-los -, esta não é

a primeira vez que estamos tendo essa conversa. Talvez todos nós precisemos de um pouco mais de tempo. Já está tarde. Vamos voltar a esse assunto depois.

Léo foi para o quarto franzindo a testa. Talvez eu realmente deva pensar nesse assunto, ou então vamos falar sobre isso todas as noites até que eu escolha uma profissão. Mas como posso escolher? O que eu quero ser?

Na água
4

No sábado à noite, antes de dormir, Léo ajustou o alarme do celular para não perder a hora no dia do evento mais interessante da temporada: o *rafting*. Eles deveriam estar lá às 7h30, 1 quilômetro depois da barragem, onde a jornada deles começaria. Léo demorou para dormir pensando se conseguiria um lugar no caiaque. **A balsa não é tão interessante. Vão muitas pessoas nela, e é lenta. Mas com o caiaque é outra história!**, embora ele não tivesse certeza do que exatamente seria tão legal nos caiaques, já que nunca tinha experimentado.

- Aqui estão os sanduíches, água, frutas, ovos cozidos, sal e um docinho - disse a mãe, acomodando o lanche na mochila.

- Mãe! Eu não posso comer tudo isso! Avisaram para levarmos apenas um lanche leve. Vamos fazer comida mateira lá.

- Eu sei, eu sei. Compartilhe isso com seus amigos, então.

- Mas eles... - Léo acenou com a mão, sabendo que todas as discussões sobre comida seriam absolutamente inúteis. - Está bem! Obrigado, mãe.

- Tenha cuidado. Coloque seu colete salva-vidas. Não mergulhe de cabeça. Não faça bagunça na água. Não deixe o celular cair na água. Divida o lanche com o Daniel.

- Está bem, mãe! Vai ficar tudo bem. O pai vai me buscar?

- Vai. A roupa de banho e a toalha estão na mochila. Ligue para mim na hora do almoço e quando estiver voltando. Combinado?

- Combinado.

Léo se apressou para sair, ainda tremendo com o frio da manhã. Mas a previsão prometia um dia ensolarado e ele decidiu, independentemente da temperatura da água, nadar e mergulhar tanto quanto pudesse. Logo Léo se encontrou com Daniel e Mateus, e mais tarde chegaram Henrique e sua irmã Aline. Em seguida, viram Renan e Diego, que estavam descarregando o equipamento de *rafting* do carro. Os meninos se apressaram em ajudar e em 5 minutos tudo estava pronto. André, Helena, Tamara, Marina e os outros desbravadores já estavam lá.

Léo estava observando os caiaques longos pintados nas cores laranja e preto. Duas balsas improvisadas já flutuavam na água: uma feita com quatro barris, outra com três cilindros longos de cloreto de polivinila. Sobre os barris e cilindros, foi construído um revestimento especial de tábuas. Havia uma cobertura simples contra o sol em uma das balsas e assentos feitos de espuma plástica densa na outra. E, é claro, havia duas boias salva-vidas com cordas e uma âncora em cada balsa.

Daniel e Léo estavam olhando para as balsas e caiaques.

- E então? Vamos começar a jornada? Está com medo?

- Com medo? Com medo do quê? Eu tenho um colete salva-vidas e sei nadar.

- Com medo de tubarões, redemoinhos - Daniel riu.

- Pessoal, nos ajudem a levar o equipamento para as balsas - André chamou todos os desbravadores - e não saiam daqui, estamos prestes a começar nossa jornada.

Arrastando uma bolsa pesada, Léo quase esbarrou em Mariana:

- Ah, desculpe, eu não vi você. Oi.

- Oi. Você precisa de ajuda?

- Não, obrigado! Quando você chegou?

- Um pouco antes de você.

- A propósito, eu não sabia que você era uma boa nadadora.

- Quem disse isso? Alguém está revelando meus segredos!

- Bem, esse segredo pode ser revelado. Mas é verdade?

- Sim, é verdade. Minha mãe queria que eu praticasse esportes, e a piscina não ficava longe da nossa casa.

- Todos, por favor, formem um círculo - orientou Renan. - Vamos cantar o Hino dos Desbravadores e orar a Deus para que Ele nos ajude e nos mantenha seguros. Depois eu vou dizer quem vai em cada caiaque e balsa. A propósito, todo mundo trouxe bonés e chapéus?

- Sim - responderam os desbravadores em uníssono.

- Todo mundo tomou o desjejum?

- Sim - veio uma resposta um pouco menos confiante.

- Tudo bem, vamos comer daqui a algumas horas. Alguém trouxe sanduíches?

- Claro.

- Garrafas com água para beber?

- Sim.

- Toalhas?

- Temos.

- Ótimo. Vamos pedir ao Júnior para ler o devocional para nós antes de cantar e orar.

Dez minutos depois, todos estavam reunidos na margem do rio, esperando pela distribuição dos lugares. Júnior pegou a lista.

- Bem, amigos, eu sei que todos vocês querem ir de caiaque, mas apenas oito de vocês podem ir, e somos 16. Portanto, faremos assim: no primeiro caiaque, Tamara, Wagner, Tomás e Vanessa. Caiaque número...

- Uhu! - Wagner gritou de alegria.

- Wagner! Se você gritar assim, vai virar o caiaque antes mesmo de começarmos! - André falou.

- Caiaque número dois: Léo, Aline, Marina e André. O restante de vocês será dividido em dois grupos para fazer *rafting*. Um grupo com o Diego, outro com o Renan. Coloquem os coletes salva-vidas e vamos lá!

Léo cerrou os punhos. Ótimo! Estou em um caiaque. É exatamente o que eu quero! Mas então outro pensamento lhe ocorreu. Mariana e Daniel ficarão entediados na balsa... Mas o que posso fazer, essa é a distribuição!

- Eu não quero ir na balsa! - protestou Henrique, franzindo o rosto. - Quero ir no caiaque com minha irmã.

- Henrique, todos querem ir no caiaque, mas nós não temos tantos. Eu vou cuidar da sua irmã, não se preocupe!

- Não, não é justo - Henrique continuou, - por que eu tenho que ir nessa balsa? - Seu rosto estava todo vermelho, como se estivesse prestes a chorar. Júnior deu de ombros e olhou para André, o diretor do clube. De repente, Léo teve uma ideia. Ele hesitou por um momento e depois disse:

- Eu posso trocar com o Henrique. Eu vou na balsa!

- Tudo bem - disse André. - Se o Léo está disposto a ceder seu lugar, o Henrique pode ir no segundo caiaque. Mas eu quero contar um segredo. Vamos fazer uma parada para descanso em algumas horas, cozinhar o almoço à beira do rio e então todos nós trocaremos de lugar. Quem foi na balsa irá no caiaque, e vice-versa. Um desbravador deve pensar não apenas em si mesmo, mas também em deixar todos confortáveis e felizes. Agora, se não houver mais perguntas, vamos para a água! Quem for nos caiaques deve deixar as mochilas nas balsas. Entreguem seus telefones para o Diego e o Renan. Não entrem na água sem colete salva-vidas! O mesmo vale para quem vai nas balsas!

Henrique baixou a cabeça, envergonhado por seu comportamento. Léo se aproximou de Mariana e Daniel.

- Pensamos que você tinha decidido se afastar de nossa equipe - disse Daniel -, embora eu tenha muitas guloseimas na minha mochila.

- Era isso que eu estava pensando. É impossível comer em um caiaque, mas teremos um verdadeiro piquenique na balsa!

- Essa é a decisão certa! - concordou Daniel.

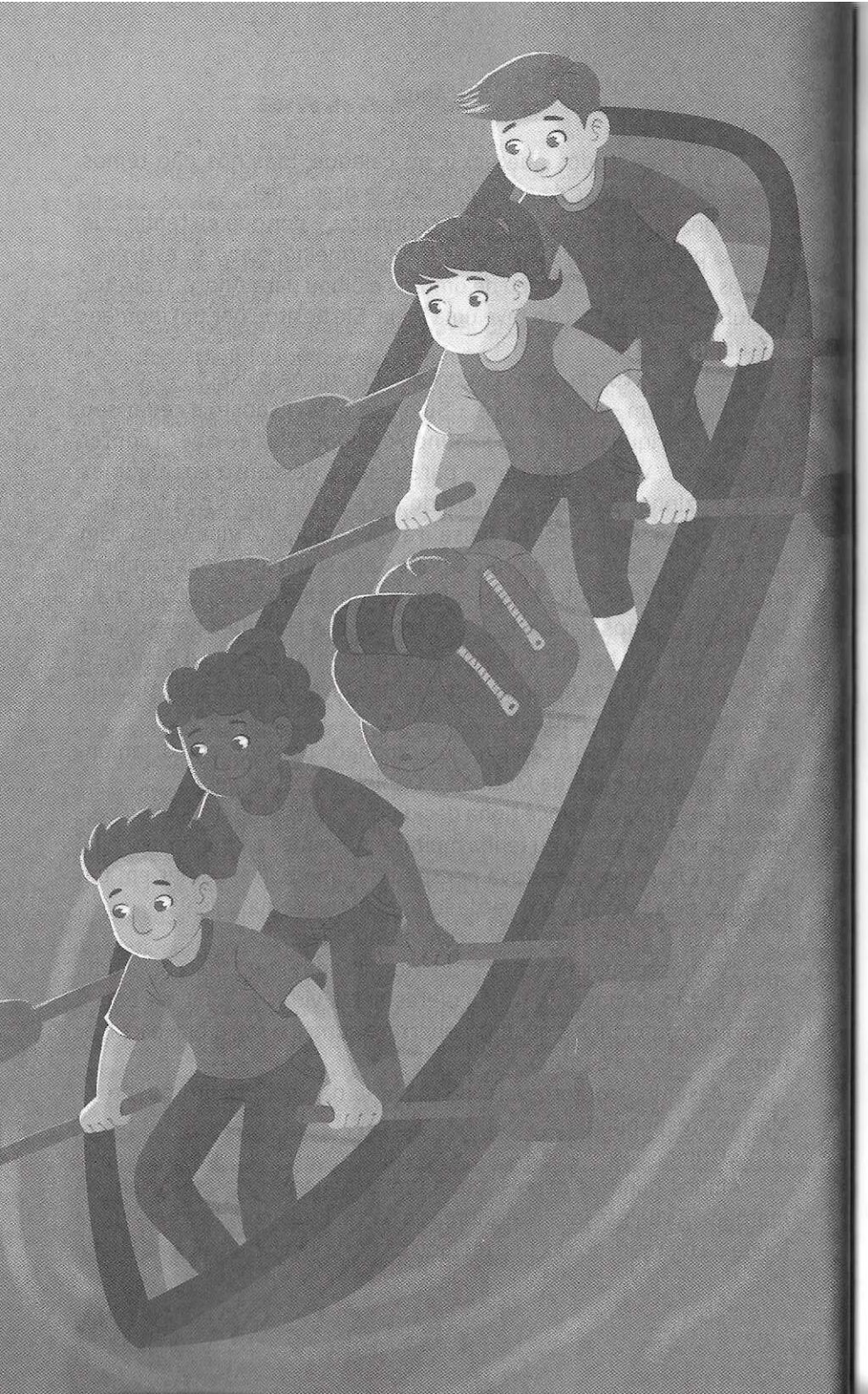
- Vamos na mesma balsa - sugeriu Mariana -, será mais divertido.

- Então vamos pegar os coletes salva-vidas e subir na balsa! Assentos confortáveis ou uma cobertura contra o sol, o que escolheremos? - Léo perguntou.

- Assentos confortáveis, o sol ainda não está muito quente! - Mariana respondeu.

- Ótimo.

Alguns minutos depois, um a um, os caiaques se afastaram da margem. As balsas foram as últimas a partir. Empurrando a balsa para longe da margem do rio, Léo molhou os pés. Brrr! A água ainda está



fria, não sei se vamos nadar hoje. Ele se sentou atrás de Mariana; Daniel estava na parte da frente da balsa. As crianças se acomodaram. Todas as coisas – mochilas, utensílios de cozinha – estavam no centro da balsa. Renan era o líder do grupo deles:

– Então, Léo, já que você está na parte de trás da balsa, você vai controlar.

– Ok, é só falar como direcionar.

– Ah, é uma tarefa difícil – Renan riu.

Apenas algumas dezenas de metros os separavam da margem do rio, quando de repente Vanessa gritou:

– Oh, não! Tem água! Está inundando! Estamos afundando!

Um momento depois, Wagner também gritou:

– Sim, estamos afundando! Ajuda!

– Não entrem em pânico! – gritou Renan. – Girem rapidamente e voltem! Todos, parem. Nossa balsa também voltará para a margem, vamos verificar o caiaque.

Com toda a sua força, Léo tentou virar a balsa. Daniel também estava remando. Felizmente o caiaque danificado já estava na margem do rio. Wagner e Vanessa estavam ao lado dele, parecendo muito tristes. Renan virou o barco meio minuto depois, tentando descobrir de onde tinha vindo a água.

– Vocês têm certeza de que está tudo bem? – Vanessa perguntou. – Eu estou pronta para ir em uma balsa se houver algo errado...

– Não se preocupe, agora está tudo bem! E Tamara está com você, ela é uma excelente nadadora e já fez *rafting* no rio em caiaques várias vezes. Não é verdade, Tamara?

– É verdade. Mas estou feliz por não ter precisado testar minhas habilidades nessas águas refrescantes. Nós vamos nadar um pouco mais tarde. Agora, vamos embora! Estamos atrasados.

As duas balsas flutuavam lentamente pelo rio. Os caiaques assumiram a liderança. Logo todos se alinharam em uma corrente a 30 metros da margem do rio. Léo e Daniel, que estavam discutindo uma coisa após outra, fizeram silêncio para não ficarem completamente para trás. Léo, mesmo sendo o responsável pela direção, ainda tinha que remar com força. Apenas 30 minutos depois, os instrutores decidiram fazer uma breve pausa.

- Bem, vocês podem descansar por alguns minutos, e depois continuaremos a viagem.

A balsa estava flutuando lentamente. Apesar da ordem para descansar, os caiaques não paravam de circular em torno das balsas. Daniel tirou doces de sua mochila, e Mariana entregou uma maçã para cada um deles. Léo decidiu que iria compartilhar sua sobremesa com seus amigos depois do almoço. Colocando os pés na água, Léo comia uma maçã. Mariana estava desembrulhando uma barra de chocolate e olhando fixamente para o horizonte. Daniel estava contando sobre sua relação com a Química; Renan tentava organizar as coisas no centro da balsa. O sol estava ficando cada vez mais quente, e Léo sentia o calor agradável aquecendo seu corpo.

- Então, vocês descansaram um pouco? Vamos continuar? - perguntou André. - Desbravadores, vamos lá! Vamos cantar nosso hino!

"Nós somos os Desbravadores, os servos do Rei dos reis. Sempre avante assim marchamos fiéis às Suas leis", era possível ouvir ao longo do rio. Pescadores perto das canas acenaram com as mãos; alguém na margem do rio ouviu a música e gritou algo incompreensível para as crianças.

***

Após uma hora e meia, eles encontraram um bom lugar para parar e começar a preparar o almoço. E acabou ficando maravilhoso. Trigo sarraceno com o sabor da fumaça da fogueira, muita comida deliciosa que todos tinham trazido. Daniel deitou-se na balsa que balançava suavemente na água.

- Amigos, vocês têm 15 minutos de descanso e depois continuamos - André falou e foi inspecionar um dos caiaques onde, após a viagem, havia cerca de um litro de água.

- Ei, Daniel, você precisa caminhar depois do almoço, não ficar tostando ao sol - Mariana disse, observando-o aproveitar o descanso da tarde na balsa com um sorriso de satisfação e os olhos fechados.

- Não conte comigo. Eu preciso relaxar.

- E eu não me importo de caminhar - disse Léo.

- Então vamos!

***

Diego chamou as crianças para se aproximarem das balsas e dos caiaques.

- Ei! É hora de seguir em frente! Vamos!

- Certo, vamos mais rápido! Agora estamos indo de caiaque.

Léo percebeu que quase todos os lugares estavam ocupados. Então ele e Mariana acabaram em caiaques diferentes, e Daniel decidiu ir na balsa, dando seu lugar no caiaque para Tomás, que achava o *rafting* muito chato e tentou convencer Daniel a lhe dar uma chance de remar mais.

Ah, você não pode relaxar muito em um caiaque!, Léo pensou. Não apenas era necessário remar o tempo todo, mas também manter a direção, porque após cada remada o caiaque virava para um lado ou outro. E eles também tinham que evitar colidir com outros participantes do *rafting* (esse incidente já tinha acontecido de manhã, mas felizmente ninguém se machucou). De tempos em tempos, havia barcos motorizados por perto, então eles tinham que virar o caiaque na direção das ondas que vinham, senão todos ficariam molhados.

Após 15 minutos remando, Léo finalmente se sentiu um pouco mais relaxado e conseguiu olhar ao redor. Havia tantos pescadores por perto! Léo se lembrou de seu avô levando-o para pescar. Na época, pescar parecia muito entediante para ele. Mas, quando pegou seu primeiro peixe, ficou muito animado.

Por que nós nunca passeamos na natureza com papai? Ele está ocupado o tempo todo..., Léo pensou. Por outro lado, eu poderia pescar sozinho, levar o Daniel comigo, pegar emprestada uma vara de pesca de um vizinho, do tio Gérson, que pesca toda quinta-feira. Mas eu não tenho tempo! Tenho os estudos... bem, e meu computador... bem, e minha preguiça também... Léo resumiu e suspirou novamente, olhando para os pescadores que estavam balançando calmamente nas ondas perto da margem.

Haverá um momento na vida em que eu não precisarei estudar nem trabalhar, e poderei apenas me sentar na margem do rio o

dia todo e pescar? Talvez quando eu for velho. Mas o que faz você pensar, Léo, que eles não trabalham em nenhum lugar? E se esta for a primeira vez deles pescando em seis meses, assim como você e os desbravadores?

Uma embarcação maior apareceu ao longe. Naquele dia Léo tinha visto muitos barcos motorizados. Alguns tinham passado por eles com o rugido de motores potentes, enquanto outros eram barcos lentos que ultrapassavam preguiçosamente balsas e caiaques. Mas agora era hora da verdadeira atração.

- Ei, pessoal, tem um barco grande chegando. Movam-se um pouco para a esquerda, vai criar uma boa onda - comandou Diego.

- Certo! - responderam os desbravadores.

- Ei, saiam do caminho! Isso também é para as balsas! Certifiquem-se de que as ondas não balancem muito, segurem suas coisas.

- Isso é o que eu chamo de um navio! - disse Henrique, arregalando os olhos.

O barco parecia realmente enorme de perto. Branco como a neve, com janelas escuras na cabine, um convés superior e muitas antenas, ele conquistou a admiração de todos. Estava se movendo bastante rápido rio acima. A música estava alta, algumas pessoas no convés superior estavam dançando e outras duas estavam sentadas com taças de vinho nas mãos olhando preguiçosamente ao redor. Um dos desbravadores acenou para eles, mas não houve resposta. Eles não os notaram? O barco rapidamente passou pelas balsas e caiaques.

- Onda! A onda está vindo! - gritou Aline.

- Estamos vendo! Não precisa gritar - responderam Wagner e Tomás.

Léo fez o seu melhor para manter o caiaque contra a onda, mas ainda assim entrou um pouco de água, e o caiaque balançou perigosamente nas ondas.

- Então, sobreviveram ao tsunami?

- Sim - veio um coro de vozes.

- Tem água no meu caiaque! - disse Helena.

- No meu também - acrescentou Wagner.

- Tem muita? Precisamos voltar? - perguntou Alex.

- Não.

- Bem, isso é ótimo. Continuaremos o *rafting*! O ponto final ainda está a algumas horas de distância. Haverá outra pausa curta. A propósito, não se esqueçam de usar chapéu. Embora seja primavera, o sol já está quente.

- Vamos nadar? - perguntou Daniel.

- Vocês podem nadar, mas só se quiserem, no fim do passeio. Há uma boa praia e a correnteza não é tão forte quanto aqui.

- Uhu! Uhu! - vieram as vozes.

Todos continuaram o *rafting* após olhar o cortador. Léo estava remando tranquilamente, sua cabeça estava cheia de pensamentos diversos: Quem eram aquelas pessoas no barco? Quanto ele custa? Meio milhão? Um milhão? O que você deveria estar fazendo na vida para ser dono de um barco assim? E se eles apenas o alugaram por um dia e o barco pertence a outra pessoa? Quanto custa o aluguel? Éramos tão pequenos em comparação a esse barco enorme. Se um caiaque tivesse virado, eles provavelmente nem teriam parado. Eles não se importam realmente. Por que eles não acenaram para nós como os pescadores fizeram? Eles não nos notaram?

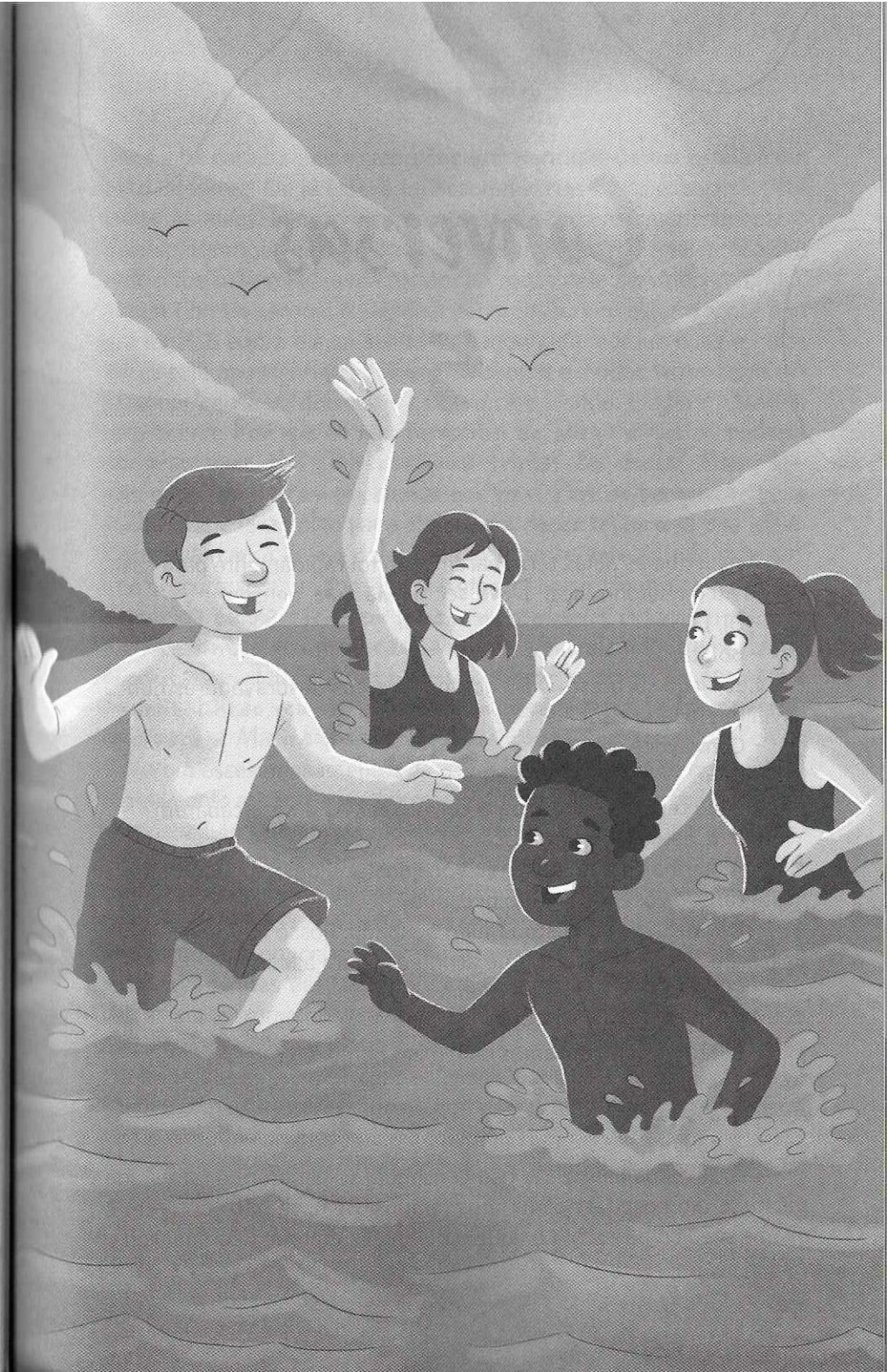
Léo tinha percebido, mais de uma vez, que às vezes havia inveja em seu coração. Ele não gostava disso, mas não sabia o que fazer a respeito. Quando Marcos foi para outra cidade e começou a frequentar reuniões importantes, Léo percebeu que estava com inveja do amigo. Ele queria ser um VIP também, fazer parte de uma empresa bacana. E se houvesse alguém muito rico nessa empresa e um dia eles entrassem nesse belo barco e subissem o rio, olhando para os pescadores que não conseguiam suportar as grandes ondas dos barcos que passavam? E à noite, eles poderiam se encontrar em algum lugar, em um restaurante, por exemplo. Comer um delicioso jantar, discutir questões importantes...

Léo franziu a testa. Ele gostava de sonhar, fantasiar, mas depois disso sempre tinha uma sensação de desapontamento e pensava que esses sonhos eram impossíveis de alcançar. Eu só queria terminar a escola... E você pensa em iates, restaurantes, festas. Besteira! Léo se apoiou com força nos remos, tentando afastar todos esses

pensamentos. *Mas seria realmente ótimo conquistar algo importante na vida!*

***

O dia terminou muito bem. Eles chegaram ao ponto final sem incidentes. A água ainda estava fria e eles não nadaram por muito tempo. Para todos, sem exceção, foi a primeira vez que nadaram depois do inverno. Todos se divertiram, pulando, mergulhando, como se tivessem sido acordados de repente do sono de inverno, animados e prontos para um verão maravilhoso que já estava tão perto.



Conversas 5

Assim que as aulas terminaram, Léo foi rapidamente para casa. Ele ouviu o telefone tocar. **Deve ser minha mãe**, pensou.

- Oi, Léo.
- Boa tarde.

Léo ficou surpreso. O Diego do clube dos desbravadores nunca havia telefonado para ele.

- Como você está?
- Bem.
- Você tem um minuto para conversar? As aulas acabaram?
- Sim, estou indo para casa.
- A Marina está no hospital. Você gostaria de ir comigo visitá-la nesta tarde? Você está muito ocupado?
- Na verdade, não estou muito ocupado. Posso ir. Vou pedir autorização aos meus pais. O que aconteceu com a Marina?
- Ela está com algum problema nos rins.
- Sem problemas, posso ir.
- Então nos encontramos às 17h em ponto. Ok?
- Combinado.
- Até logo.
- Tchau.

Léo fez uma pausa. Ele não conseguia se lembrar de ter estado perto de um hospital nos últimos tempos. Bem, se não contarem o exame médico na escola e aquele dia infeliz em que Léo quebrou o

dedo e foi para a sala de emergência. O Henrique da sua turma é um caso diferente. Ele já esteve no hospital várias vezes e, por isso, até faltou às aulas. Léo o visitou em casa e não conseguia esquecer o que viu: Henrique estava pálido, muitos travesseiros estavam ao seu redor, sua mãe e sua avó corriam ao redor dele servindo chá, mel, algum tipo de xarope. Na época, Léo pensou que estar doente não era legal. E agora ele se sentia envergonhado, porque duas ou três vezes este ano Henrique esteve no hospital e muitas vezes ficou em casa por causa de doença, e Léo nunca o visitou. E agora a Marina está doente. **Por que eu não perguntei ao Diego o que eu poderia comprar para ela? Talvez alguma fruta? Ou doces? Posso levar doces se ela tem problemas nos rins? Preciso perguntar para minha mãe e levar algo para ela. Talvez doces sejam uma boa ideia. Para levantar o ânimo dela... Ela precisa se animar, não precisa?** Léo procurou por um chiclete de frutas no bolso: **Um pouco de ânimo depois da escola fará bem para mim também.** E colocou o chiclete na boca. **Então vou para casa almoçar. Vou relaxar na frente do computador. Talvez eu até consiga fazer o dever de casa para amanhã. Então vou sair um pouco mais cedo para poder comprar algo para a Marina. Esse é o plano.**

Com esses pensamentos, Léo chegou em casa. O tempo passou rapidamente até as 16h30. Sua mãe o ajudou sobre o que comprar para Marina, e Léo saiu apressado de casa em direção ao supermercado.

Diego nunca se atrasava. Às 17h em ponto eles começaram a caminhar até o ponto de ônibus, e 10 minutos depois estavam sentados em um ônibus meio vazio. Eles conversaram sobre muitas coisas. Léo contou um pouco sobre como estavam as coisas na escola, sobre suas reviravoltas em Matemática e Geometria. Diego era bom em cálculos e foi o melhor em Matemática Avançada de seu grupo. Ele deu algumas dicas úteis que ajudariam Léo a passar nos exames. Eles também falaram sobre novas especialidades no clube. Diego estava particularmente interessado no que as crianças mais gostavam e no que era muito complexo ou entediante.

- Bem, a próxima parada de ônibus é a nossa. Estamos quase lá.
- A Marina sabe que vamos juntos?
- Claro! Eu ligo para ela todos os dias.

- Ok. Para ser honesto, faz muito tempo que não vou ao hospital. - Léo coçou a cabeça.

- Isso é realmente bom quando você e sua família estão bem.

- Verdade.

- Eu só estive no hospital algumas vezes, mas minha irmã ficava doente com frequência, então eu a visitei muitas vezes, levei comida, comprei medicamentos.

- Sua irmã mora aqui?

- Não, ela está longe, infelizmente. Nós nos vemos no máximo uma vez por ano. Então, vamos descer do ônibus?

- Claro.

***

Marina, que normalmente era alegre, parecia um pouco abatida. Ela agradeceu aos rapazes por sua visita e pelas comidas deliciosas que eles haviam trazido. Depois, sentaram-se em um sofá desgastado no corredor e conversaram por cerca de 15 minutos. Os exames não tinham sido muito bons e Marina foi informada de que teria que ficar no hospital por pelo menos mais cinco dias. Léo não queria perguntar sobre sua doença, mas pela conversa percebeu que Marina tinha essa doença desde criança e de tempos em tempos ela precisava ficar no hospital.

Diego mudou de assunto para o que estava acontecendo no clube dos desbravadores e os planos para o verão. Marina se animou. O acampamento de verão estava a apenas alguns meses de distância, e esse era o período mais divertido e interessante do ano, cheio de aventuras e novos encontros. No fim, Diego se ofereceu para orar pela saúde de Marina, e logo Léo e Diego estavam saindo do hospital.

- Foi muito bom que a visitamos, não foi? - disse Diego. - Ela estava triste.

- Isso é verdade. Nas reuniões do clube, ela está quase sempre sorrindo, ao contrário do André.

- Ao contrário de mim.

- Bem, os instrutores precisam ser sérios.

Diego riu.

- Acho que se não fosse pelo clube, eu seria um pouco chato. Vamos, há muito trânsito aqui, e eu quero que você chegue em casa cedo.

Já estava escurecendo lá fora. Léo olhou para o céu cinza escuro, parecia que em breve ia chover. Ele se virou e olhou para o prédio do hospital. Apesar de ser tarde, quase todas as janelas estavam acesas. Uma ambulância tinha acabado de chegar à sala de emergência, eles carregavam em uma maca alguém com a cabeça enfaixada. **Provavelmente um acidente**, pensou Léo e estremeceu ao se lembrar de seu sonho. Ele queria sair daquele lugar o mais rápido possível. **Pobre Marina, ela tem que ficar aqui o dia todo. Como é bom quando nada dói!** Léo respirou fundo e acelerou o passo, tentando acompanhar o ritmo ágil de Diego.

Eles tiveram que esperar pelo ônibus por cerca de 15 minutos. Havia muitas pessoas, e Léo e Diego se acomodaram junto à janela no fundo do ônibus, olhando a estrada se afastar para algum lugar distante. Primeiro, eles falaram sobre música, depois sobre livros que valem a pena ler. Começou a chover, a estrada ficou molhada e Léo lamentou não ter pegado um guarda-chuva, embora sua mãe tivesse avisado sobre isso duas vezes.

- O que você quer ser? - Diego perguntou de repente.

- Eu? Hum, bem, ainda não decidi. Acho que devo continuar estudando.

- E se você não estudar?

- Posso trabalhar, começar meu próprio negócio.

- Hoje em dia, profissionais qualificados estão sendo procurados.

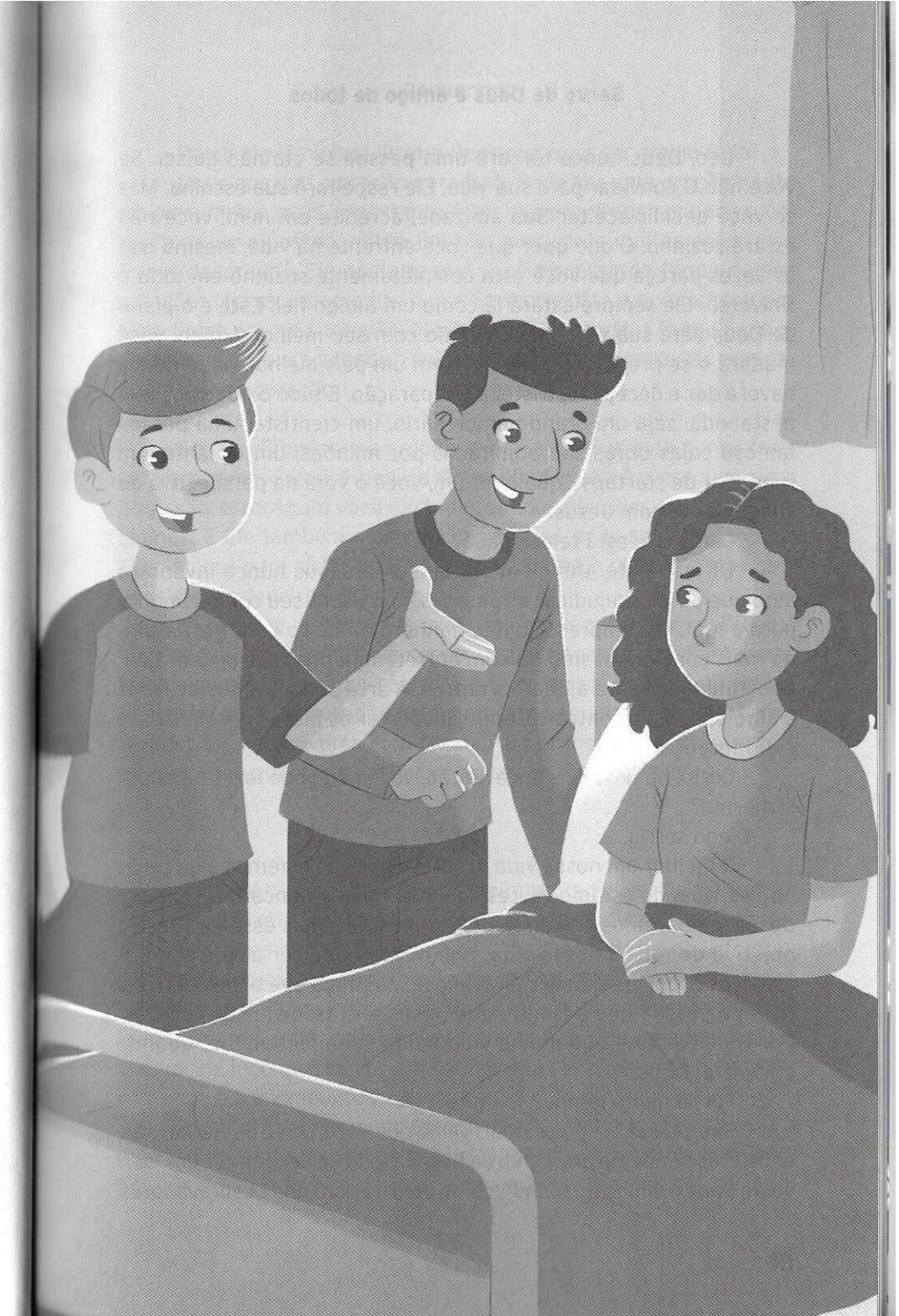
- Você trabalha na área em que se formou na universidade?

- Léo, eu estudei em uma época diferente. Tudo mudou muito rápido, mas felizmente eu aplico todos os dias os conhecimentos que adquiri na universidade.

- Pelo menos você não estudou em vão...

- Mas não estudamos apenas para adquirir conhecimento. Cada professor nos dá um pouco de sua compreensão de quem somos e do que fazemos neste mundo. A propósito, isso às vezes pode ser mais importante para decidir o futuro de uma pessoa do que o conhecimento que os professores compartilham.

- Você teve professores assim, que determinaram sua escolha?
- Acho que sim. Mas até certo ponto.
- Como assim?
- Até eu conhecer Jesus. Isso mudou completamente minha vida, meus planos, meus objetivos. Afinal, o que os professores pensam sobre a vida é apenas uma opinião humana, e os humanos podem estar errados. Um professor era muito cético sobre tudo e frequentemente nos dizia que o mais importante é proteger sua família e ser fiel aos seus amigos, e tudo o mais são apenas circunstâncias da vida. Alguém vê seu futuro na ciência e tenta motivá-lo a dedicar sua vida a isso. Alguém tentará convencê-lo a entrar nos negócios, ganhar muito dinheiro.
- É ruim fazer negócios? Ganhar muito dinheiro?
- Não, por quê? Pode ser uma boa ideia. Mas para quê?
- Bem, para viajar, comprar o que você quer, ajudar alguém.
- Léo, muita coisa depende da sua resposta à seguinte pergunta: Por que você vive? Você está sozinho no mundo, ou há Alguém no Céu que deseja o melhor para você? Existe algum plano para sua vida, seu futuro, ou é apenas uma coincidência de diferentes circunstâncias: sua família, sua cidade ou país natal, sua saúde ou, tomara que não, alguma doença que o aflija?
- Como acontece com a Marina.
- A Marina está melhorando. Embora ela esteja um pouco triste, tenho certeza de que sua doença não determina quem ela é e o que faz, embora às vezes a afete muito. Mas se você nascesse em um país próspero, em uma família rica e tivesse a oportunidade de comprar o que quisesse e viajar para onde quisesse, você acha que não teria que responder à pergunta principal: "Para quê"?
- Provavelmente teria que responder.
- Todos terão que responder mais cedo ou mais tarde. E é ótimo quando alguém descobre que há um plano especial para sua vida, que Alguém deu Sua vida por ele e está preparando um futuro especial que será milhares de vezes mais interessante do que todas as aventuras e viagens neste mundo.
- E se uma pessoa não sentir isso? Ela estuda, trabalha, vai à igreja, mas nada de especial acontece. Como ela sabe que esse Alguém Se importa e pensa nela todos os dias, além de seus pais e amigos?



- Léo, Deus nunca forçará uma pessoa se ela não quiser. Se você não O convidar para sua vida, Ele respeitará sua escolha. Mas se você decidir aceitar Sua amizade, acredite em mim, você não estará sozinho. O que quer que você enfrente na vida, mesmo que às vezes pareça que você está completamente sozinho em todo o Universo, Ele sempre estará lá como um amigo fiel. Este é o plano de Deus para sua vida. Caminhando com seu melhor Amigo, você mudará e se preparará para viver em um país melhor, onde nunca haverá dor e decepção, tristeza e separação. E tudo o que você tem nesta vida, seja um grande empresário, um cientista, uma pessoa famosa cujas obras são admiradas por milhões, um viajante, um fundador de *startups* - qualquer um, você o verá na perspectiva de sua amizade com Jesus.

- Como isso está relacionado?

- Diretamente. Um cientista que ama Jesus nunca inventará algo que possa prejudicar as pessoas, não usará seu conhecimento para o mal. Um empresário não ganhará dinheiro para gastar ainda mais consigo mesmo ou com entretenimento, mas pensará em oportunidades para ajudar os outros. A arte pode levar as pessoas a algo bom e, ao contrário, pode despertar os piores desejos. Essa é a diferença!

- Certo, há uma diferença. Então, você não pode fazer nada por si mesmo?

Diego sorriu.

- O melhor em nossa vida acontece quando fazemos algo pelos outros, quando estamos livres do egoísmo que nunca traz felicidade. Continuaremos cuidando de nós mesmos, mas esse não será o objetivo de toda a nossa vida. Isso nunca pode ser alcançado por esforços próprios; é uma maravilhosa mudança que ocorre na vida de uma pessoa que permitiu que Jesus entrasse em seu coração. Por isso, eu disse que minha vida mudou completamente quando encontrei Deus.

- Foi há muito tempo?

- Sim, eu era um pouco mais velho que você. Já se passaram sete anos, mas nunca me arrependi de ficar do lado de Jesus e ser um "servo de Deus e amigo de todos", como está no voto dos Desbravadores.

- Como alguém pode dizer a Deus que quer ser amigo Dele?

- Deus nos deu a oração para isso. Pode ser uma oração muito simples, mas o mais importante é ser sincero. Deus conhece o coração de uma pessoa, então Ele não precisa de muitas palavras e frases decoradas. Ele gostaria que você dissesse do fundo do seu coração: "Jesus, eu acredito que o Senhor existe e que morreu por mim. Entre em meu coração, habite nele. Quero estar com o Senhor nesta vida e na eternidade." Ou quaisquer outras palavras que venham ao seu coração.

- Só isso?

- Só isso. Simples, mas muito importante. Sua vida nunca mais será a mesma. Se você pedir a Deus, Ele o ajudará a escolher uma profissão, estará com você em todas as suas decisões, na escolha de amigos. E Ele também mostrará como você pode ser útil em Seus bons planos para todas as pessoas, para o nosso planeta. Estar com Deus é a verdadeira felicidade.

Léo ficou em silêncio. Ele trocou algumas palavras com Diego e logo desceu do ônibus. Diego desceria um pouco mais adiante, pois tinha alguns negócios no centro. No caminho para casa, Léo estava pensando em tudo o que tinha acontecido naquela noite, em Marina no hospital, na conversa com Diego. Pela primeira vez em sua vida, ele percebeu quantas decisões importantes o aguardavam.

***

Fazia calor na escola na terça-feira. Igor, Felipe, Léo e outros garotos estavam parados em um canto da escola durante o intervalo. Alguns minutos depois, um grupo de crianças da classe ao lado saiu. Eles frequentemente brigavam - seja por causa de uma derrota no futebol ou pelo lugar na cantina. Mas naquele dia a situação foi mais grave. Ricardo, o líder da turma e valentão da outra classe, decidiu zombar de Igor, que de vez em quando buscava sua irmã mais nova na escola e a acompanhava para casa.

Toda a turma riu quando Ricardo tentou imitar Igor segurando a mão da irmãzinha saindo da escola. O rosto de Igor ficou vermelho. Em vez de discutir e responder com uma brincadeira, ele correu e

acertou Ricardo com toda a força. Ricardo caiu, colocando as mãos sobre o nariz. Houve muito barulho, e uma briga maior não teria sido evitada se, como que do nada, um professor de educação física não tivesse aparecido e separado os garotos. Ele levou Igor para a diretoria e pediu a alguém que chamasse a professora da turma para se juntar a eles e levar Ricardo à enfermaria.

Léo sentiu seu coração bater forte. Ele já tinha brigado algumas vezes em sua vida, mas agora, mais do que nunca, estava perto de uma briga séria com os garotos da classe ao lado. **Por que o Igor o acertou tão forte? Todo mundo conhece o Ricardo. Ele sempre procura a menor oportunidade para machucar alguém e brigar. Agora os pais serão chamados à escola**, pensou Léo.

Silvana, a professora da turma, estava caminhando rapidamente pelo corredor e viu Felipe e Léo indo em direção à sala de aula.

- Garotos, o que aconteceu lá? Vocês viram? Com quem o Igor brigou? Estou sendo chamada na diretoria.

- Com o Ricardo, da classe ao lado. Mas foi ele quem começou tudo!

- Veremos o que o diretor vai dizer - a professora disse cansada. - A propósito, não saiam da sala de aula. Se for necessário, eu chamarei vocês.

A professora Silvana desapareceu ao virar o corredor. Felipe franziu a testa.

- Ah, Igor! Por que ele se envolveu em uma briga?

- Eu não sei. Mas acho que ele teve que proteger a irmã.

- Não assim! É melhor ignorar o Ricardo. Ele fala demais!

- Eu sei, eu sei. Mas o Igor o acertou em cheio e agora está em apuros. E o Ricardo vai se vingar.

- Com certeza. Depois da briga, o Arthur sussurrou no ouvido do Igor que eles o encontrariam à noite.

- Isso não é bom.

Outros colegas de classe correram até os garotos e começaram a perguntar o que tinha acontecido. Todos estavam falando sobre isso.

- Ah, vocês, sempre se metendo em encrenca! - disse Natália, a representante da turma. - Vocês não conseguem viver sem isso.

- O Igor será expulso da escola? - perguntou Ana.

- Eu não sei. Acho que não. Foi a primeira vez que ele brigou tão feio com o Ricardo.

- Bem, o Igor precisa mudar suas reações às brincadeiras. Um dia ele vai acertar alguém e essa pessoa pode cair e bater a cabeça, por exemplo.

- Se sua irmã fosse machucada, você a protegeria?

- Você pode fazer isso de diferentes maneiras.

As crianças continuaram a discutir sobre o assunto. Então a professora Silvana chegou e sentou-se cansada em uma cadeira.

- O que aconteceu? O que eles disseram? - perguntaram os colegas um após o outro.

- O que eles disseram? Vocês precisam pensar antes de fazer algo, quantas vezes eu disse isso! Os pais de ambos foram chamados. Quando eles chegarem, continuaremos com isso.

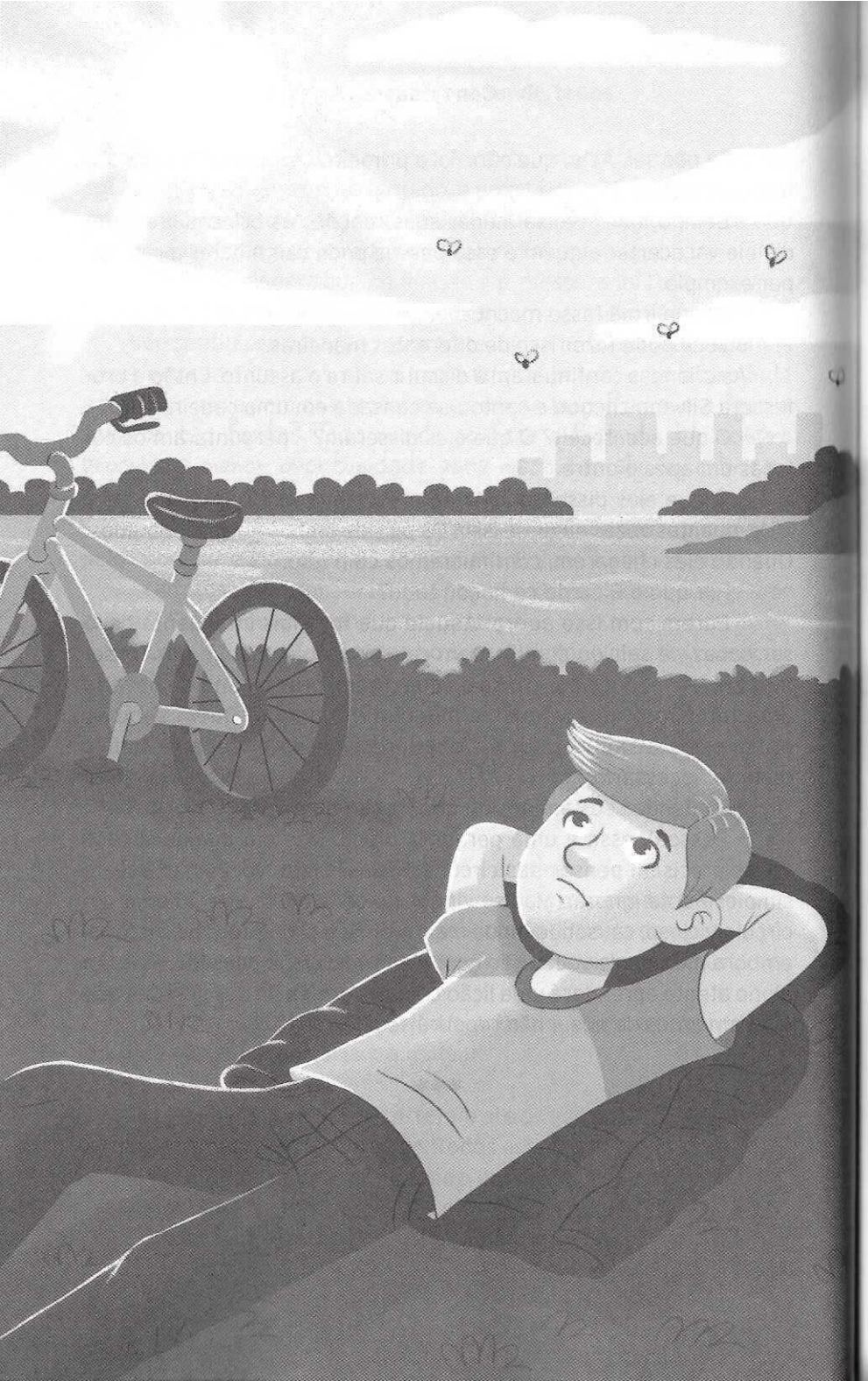
- Por que o Ricardo começou tudo?

- Parem com isso agora! Aquele que for mais inteligente deve ser capaz de sair do conflito sem causar problemas. Se nós fôssemos bater em todos por causa do que dizem, provavelmente haveria uma terceira e quarta guerra mundial no mundo. Quem sabe se nosso planeta ainda existiria. Vocês precisam aprender a se conter quando necessário.

- E quando seus amigos ou família são ofendidos?

- Pessoal, essa é uma pergunta difícil. Mas em qualquer caso vocês precisam pensar nas circunstâncias. Claro, vocês não devem simplesmente ignorar. Mas se vingar de cada ofensa será como um círculo vicioso, causando ainda mais mal. Sou professora de História, embora metade de vocês não goste de investigar o passado. Mas um aluno atento aprenderá uma lição com a experiência das pessoas que viveram antes de nós e não repetirá seus erros.

***



Por vários dias, todos na escola comentaram sobre a briga entre Igor e Ricardo. Mas depois as coisas se acalmaram. Apenas o coração de Léo estava inquieto. Na quinta-feira, depois da escola, em vez de jogar videogame, ele pegou sua bicicleta e pedalou em direção à represa. Ele costumava ir ali quando precisava pensar em algo; ele se sentava, olhava para a cidade ao longe e tentava colocar os pensamentos em ordem. Primeiro, ele queria ir com Daniel e contar para o amigo tudo o que tinha acontecido na escola, mas depois decidiu ir sozinho.

O sol estava quase quente como no verão. Deixando a bicicleta na grama, Léo tirou sua jaqueta, estendeu-a no chão e deitou, semicerrando os olhos por causa da forte luz do sol da primavera.

Ele respirou fundo e abriu os olhos. Já havia algumas moscas e insetos voando, e ao longe ele podia ouvir o som da água. Era tão tranquilo ali, mas seu coração estava agitado. A briga na escola ainda estava em sua mente. Léo pensou: *É assim que pode ser. Aos poucos, tudo começou. E se o Ricardo tivesse batido a cabeça? Como o Igor vai voltar da escola para casa agora? Ricardo tem um irmão mais velho.* Então os pensamentos de Léo foram ainda mais longe: *Tanta gente vive no mundo. Minha família mora neste país, é tranquilo aqui, sem furacões, tsunamis, incêndios. E em outro lugar, tantas coisas acontecem. Havia uma pessoa que estudava, tinha alguns planos... e em um momento ela se foi. Isso é justo? Em qualquer lugar, alguém pode acertar você... e pronto! Você se foi. Se você ficar doente... Você também pode morrer. Por que é assim? Eu não quero estudar, não quero trabalhar, não quero fazer nada! Quem sabe o que está esperando por você na esquina. Não, eu preciso ligar para o Daniel.*

- Estou ouvindo!
- Bem, ouça!
- Oi, Léo.
- Oi. Você tem um minuto?
- Claro.
- É o seguinte... Você ouviu falar sobre a briga na nossa escola?
- Por quê? Você não me contou nada.
- Igor e Ricardo brigaram.

- Outra vez?

- Bem, no ano passado tudo estava mais ou menos tranquilo. E agora de novo. Igor o acertou tão forte, tão forte!

- Bem, o Ricardo vai dar o troco.

- É isso aí. A sorte do Ricardo foi que ele não bateu a cabeça muito forte, caso contrário quem sabe o que teria acontecido.

- Brigar não vai resolver nada.

- Bem, você acha isso. E eu... e os caras pensamos diferente.

- A vida vai mostrar.

- O que a vida vai mostrar? Acontece que algum briguento termina a escola, a universidade e se casa. E tudo vai ficar bem para ele. E alguns são como aquele garoto, lembra? Que morreu de alguma doença em uma escola próxima. Quieto, dizem, era um cara quieto.

- Bem, brigar não faz bem.

- Isso é tão injusto. Você apenas vive sua vida... E alguém fica doente, alguém é agredido, e pronto. Fim!

- Bem, isso não acontece todos os dias. Você precisa se afastar de más companhias. Talvez você tenha sorte o suficiente...

- E-e-eh! - Léo disse, desapontado.

Daniel sempre tinha um plano para tudo e fazia as coisas direito. Mesmo agora, ele não entendia por que Léo estava com medo dessas coisas incertas.

- Léo, é isso que eu estou dizendo. Não vá a áreas perigosas. Além disso, quando você sair de casa, ore primeiro e depois saia! Tudo ficará bem, relaxe.

- Não, estou bem... É só o Igor, o Ricardo e essa história. Ok, quando eu vou ver você? - Léo desistiu de suas tentativas de encontrar respostas para as perguntas que realmente o incomodavam.

- A reunião do clube é à noite. Lembra?

Léo deu um tapa na testa.

- Esqueci! Certo! Eu estarei lá.

- Até logo à noite, então. Não vagueie pelas ruas escuras.

- Ah, você! Tchau.

***

Léo e Mariana saíram juntos da reunião do clube. Eles estavam conversando e Mariana perguntou:

- Você parece triste hoje. O que há de errado?

- Por que você acha isso?

- Bem, nos conhecemos há muito tempo. Normalmente, você é mais alegre.

- Não posso ficar fazendo piadas o tempo todo. A vida é coisa séria.

- É isso que estou dizendo, você não parece você mesmo hoje.

- Está tudo bem.

Léo não queria contar a Mariana sobre as perguntas que o preocupavam. E se ela achasse que ele estava com medo? **Quem quer ser amigo de um perdedor? Um homem deve ser corajoso, seguir em frente e não ter medo de nada. Mas eu...**

***

Outra semana passou. O verão estava muito perto. Uma série de exames e testes começou. O humor de Léo não mudou muito, mas ele não teve tempo de refletir sobre todas essas coisas embora não conseguisse esquecer a última reunião do clube e as palavras do instrutor.

Foi assim. No fim da reunião, Vanessa pediu a todos que orassem por sua prima que estava muito doente. A garota estava prestes a passar por uma cirurgia complexa. A voz de Vanessa tremia enquanto ela falava. Era óbvio que ela estava muito preocupada com sua família.

Então Diego disse:

- Amigos, na vida vocês enfrentarão muitas coisas que não poderão entender e explicar, não importa o quanto desejem. Nessas horas, às vezes sentimos como se estivéssemos sozinhos no mundo e ninguém pudesse nos ajudar. Essa é uma sensação enganosa. Já falamos muitas vezes sobre heróis bíblicos. José, Moisés, Davi e os apóstolos também enfrentaram perigos e problemas. Mas eles eram diferentes dos outros porque podiam olhar para cima. Eles não viam apenas pontos de luz no céu, mas acreditavam que havia Alguém lá em cima, Todo-Poderoso, Onisciente, o Criador deste mundo, das galáxias, de nosso planeta e, é claro, de cada ser humano. Apenas Ele

sabe o que é melhor para cada um de nós e preparou um caminho único e especial para todos que Nele creem. A Bíblia diz: "'Porque Eu sei os planos que tenho para vocês', diz o Senhor. 'São planos de bem, e não de mal, para lhes dar o futuro pelo qual anseiam.'"

- Oh, isso é do livro de Jeremias - disse Helena.

- Isso mesmo, estava na lista de versos bíblicos para decorar - disse alguém.

- E se Deus não me disser nada? - Henrique perguntou seriamente.

- Na verdade, Deus responde às suas orações. Você só precisa aprender a ouvir Sua voz e estar do lado Dele.

- O que isso significa? Estar do lado Dele? - Henrique continuou a perguntar.

- Se você nunca fez isso antes, diga a Jesus: "Eu sei que o Senhor morreu por mim, Jesus, e minha vida tem significado. Quero estar do Seu lado, aceito o Senhor no meu coração."

- É só isso? Assim mesmo? - Vanessa perguntou.

- É simples, mas é um passo muito difícil para muitas pessoas. Mas se você permitir que Jesus entre em seu coração, pode contar com as promessas de Deus escritas na Bíblia. E se você enfrentar algo em sua vida que o preocupa, conte isso a Jesus. Porque Deus mesmo diz: "Pergunte-Me e Eu lhe contarei coisas maravilhosas, segredos que você não sabe, a respeito do que está por vir."

- Eu conheço esse verso - disse Wagner.

- Eu também! E eu sei! - disseram os outros.

- Conte a Jesus tudo o que está em seu coração. Mesmo que você não obtenha todas as respostas imediatamente, confie em Deus e Ele o ajudará.

- Ótimo!

- Bem, é hora de ir para casa agora. Até logo!

Essa era a conversa na qual Léo pensava de vez em quando. Embora às vezes ele orasse a Deus, e até sentisse que Deus estava o ajudando, ele nunca tinha dito a Jesus que queria estar ao Seu lado e entregar seu coração a Ele. **É tão importante dizer exatamente isso? E o que acontece depois? Deus vai me ajudar todos os dias? Com os exames? Ele vai me ajudar a escolher uma profissão?** Léo tinha lido sobre os heróis bíblicos, e toda a vida deles parecia cheia

de vitórias e milagres. **Mas agora é uma época diferente**, ele disse a si mesmo, **você precisa estudar, ganhar a vida, casar, eu acho... Onde está o lugar para milagres?** Mas depois de uma longa lista de coisas para fazer pelos próximos dez anos, ele se sentiu triste, sem esperança. **Por que tudo isso? Por que eu deveria tentar fazer tudo certo?**

A mãe de Léo notou que ele estava triste. Ela tentou descobrir o motivo uma ou duas vezes, mas esbarrou em uma parede de silêncio. Uma outra conversa aconteceu na cozinha. Houve perguntas, suposições:

- Mãe, estou bem, não se preocupe.

- Você tem certeza? Está tudo bem na escola? Não se preocupe com esses exames! Você consegue lidar com isso.

- Não estou preocupado com os exames! O que faz a senhora pensar isso? E não estou preocupado com minha futura profissão!

- Tudo bem. Lave as mãos e sente-se à mesa. É só que você não está agindo como você mesmo, e acho que você perdeu peso.

– Claro, eu perdi peso. E estou muito pálido. Já ouvi isso antes. Vou me sentar à mesa, começar a ganhar peso e tudo ficará bem.

- Bem, eu só estava perguntando.

Léo sentou-se silenciosamente à mesa, mas depois de uma porção da sopa deliciosa, seu humor melhorou.

Contato 6

No dia seguinte, quando estava na cama, Léo ficou sozinho com seus pensamentos. A ansiedade acordou com força renovada em seu coração. **Faz sentido tentar e lutar por algo? Quem sabe o que vai acontecer amanhã?** Ele tinha pensado muito em Deus ultimamente. Ele mesmo se voltava para Deus apenas quando algo acontecia: se ele ou seus pais ficavam doentes, se algo dava errado na escola... Apesar de gostar de histórias sobre heróis bíblicos, parecia que Deus estava muito longe dele. **Talvez Ele esteja ocupado com Sua Igreja, talvez haja pessoas cuja vida seja muito pior do que a minha, aqueles que estão passando fome, vivendo sérios conflitos, algumas tribos onde o tempo todo as pessoas têm que superar perigos e dificuldades para sobreviver. Talvez Deus as ajude primeiro? E quanto ao Léo? Ele está muito bem. Não sabe o que quer ser? Bem, pense nisso, é para isso que você tem a cabeça. Quer dinheiro? Ganhe. Por que Deus deveria ajudar você?**

Mas sinceramente Léo desejava ter um amigo com quem pudesse compartilhar as coisas mais valiosas, algo que ele não arriscaria contar nem mesmo a Daniel ou Mariana. Léo gostaria de ter certeza de que também havia um bom plano para sua vida...

Léo decidiu contar a Deus todos esses problemas. Ultimamente, ele orava pouco, mas naquele dia, à noite, quando todos tinham ido dormir e a casa estava em silêncio, ele se ajoelhou e começou a

contar a Deus todas as suas dúvidas e problemas, sobre o que o preocupava e assustava e que ele realmente precisava de Alguém em quem pudesse confiar em sua vida. Léo se sentiu aliviado depois de contar tudo a Deus em oração. Então ele se lembrou de algo que tinha ouvido na igreja e no clube: que ele precisa convidar Jesus para a sua vida, que Deus nunca irá invadir a porta de um coração, nunca irá forçar se uma pessoa não quiser aceitá-Lo. Léo sussurrou: **Deus, eu sei que o Senhor é real. Desculpe-me por eu não pensar nisso com muita frequência e só orar quando estou em apuros. Eu quero que Jesus seja meu Amigo e meu Salvador, e dou o meu coração ao Senhor.**

Por um tempo, Léo ficou deitado e pensou em tudo, em seus planos e na vida. Mas, para sua surpresa, sentiu seu coração muito mais calmo. Até o quarto escuro parecia brilhante e seguro. **Seria ótimo ter sempre essa alegria e paz no meu coração,** pensou Léo. **A oração pode ter tanto poder? Jesus realmente Se tornará meu melhor Amigo e nunca me deixará? Isso seria incrível!**

***

Pela manhã, Léo foi para a escola de bom humor. Até mesmo sua mãe percebeu que seu humor havia mudado.

- Por que você está tão feliz hoje, Léo? Você está cheio de alegria. Você pode nos dizer o que fez você mudar tanto? Será que seus pais receberão uma surpresa em seu boletim escolar do ano?

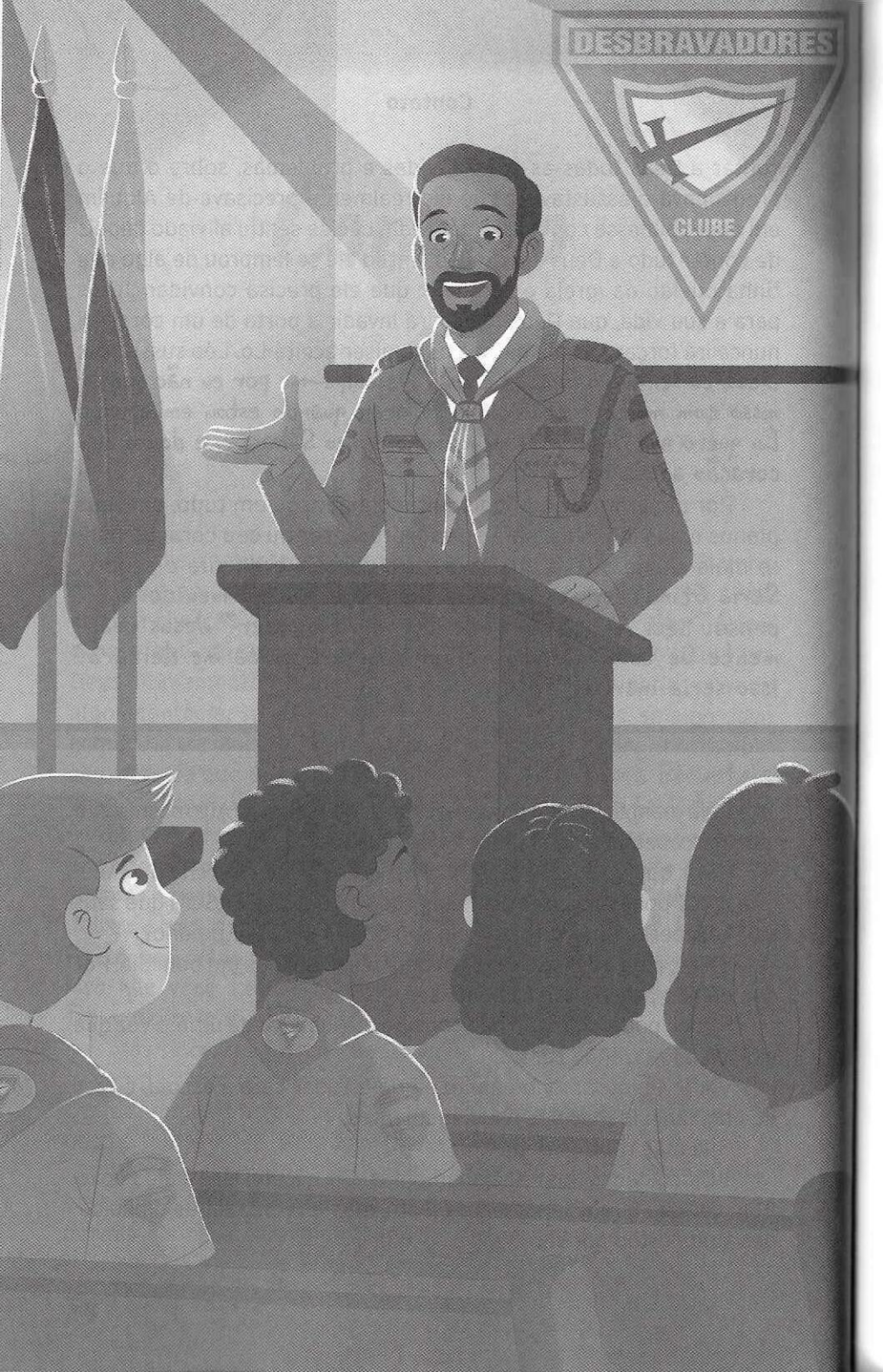
- Mãe, pare com isso. Nada aconteceu. É apenas um bom dia. Por que eu não posso simplesmente ser feliz?

- Você pode, claro. Só não consigo me lembrar da última vez que vi você não fazendo careta.

- Ah, vamos lá: tenho muito o que estudar para a escola, é final do ano, dificuldades nos relacionamentos.

Sua mãe riu sinceramente.

- Dificuldades nos relacionamentos. Oh, escute! Isso é algo novo. Com certeza o relacionamento é bom, mas as verdadeiras dificuldades ainda estão por vir.



– É isso aí. É assim que você leva a sério os meus problemas! E depois me pergunta por que estou tão sério.

A mãe parou de rir imediatamente.

– Tudo bem. Não fique ofendido. É que seus relacionamentos ainda são principalmente sobre amizade. É claro que existem dificuldades, mas elas podem ser resolvidas. Não é como quando você fica mais velho.

– Como você e o papai?

– Bem, por que você está dizendo isso? Nossas dificuldades também podem ser resolvidas, está tudo bem.

– Ok, eu preciso ir, já estou atrasado.

– Claro, se apresse.

***

No sábado, houve outra cerimônia de admissão em lenço do clube de Desbravadores na igreja, geralmente realizada uma vez por ano na primavera. A mãe de Léo passou o uniforme dele.

Havia barulho na igreja. Léo e Daniel sentaram-se na frente do salão e esperaram impacientemente o início do programa oficial. Depois, tudo aconteceu como de costume: a bandeira dos Desbravadores foi trazida, o hino dos Desbravadores foi cantado e os candidatos ao clube leram solenemente o voto e a lei dos Desbravadores. Depois, o pastor pregou sobre o herói bíblico Timóteo. Ele observou que Timóteo era muito jovem quando se juntou ao ministério do apóstolo Paulo e se tornou um dos líderes da primeira igreja. Ao mesmo tempo, Timóteo não apenas conhecia bem a Bíblia, mas pelo número de suas viagens com o apóstolo, era um viajante experiente no primeiro século após o nascimento de Cristo.

No fim, o pastor fez um apelo a todos que ainda não haviam sido batizados, convidando-os a não adiar essa decisão tão importante na vida.

– Queridos amigos! Se Jesus Se tornou seu amigo próximo e você entregou sua vida nas mãos Dele, o que o impede de ser batizado? Timóteo e muitos outros heróis da Bíblia eram muito jovens quando começaram seu ministério, e tenho certeza de que nunca

se arrependeram disso. Algumas pessoas deixam essa decisão importante para depois, quando a vida se estabiliza, quando têm um emprego permanente, quando os filhos crescem ou quando algo mais acontece. E passam os melhores anos fora da aliança com Deus, fora de Sua orientação e ajuda especiais para aqueles que corajosamente tomaram o Seu lado. Isso não significa que você não terá problemas, mas significa que você nunca estará sozinho em sua jornada. Encorajo você a dar um passo em direção a Jesus. Não tenha vergonha de fazê-lo na frente de seus colegas e amigos! Não tenha medo de dedicar ao Senhor os anos de sua juventude! Você nunca se arrependerá disso!

Quando o pastor convidou aqueles que gostariam de ser batizados para ir à frente, Léo sentiu seu coração começar a bater com força. Ele não pensava em dar esse passo importante ainda, mas havia percebido que realmente não havia mais nada o impedindo de fazê-lo. Afinal, ele havia entregado sua vida a Jesus e decidido ser um verdadeiro servo de Deus e amigo de todos!

Léo sentiu seu rosto ficar vermelho, mesmo assim ele se levantou e se aproximou. Algumas outras crianças saíram com ele. Virando-se para as pessoas, ele viu seus pais. Dizer que eles estavam surpresos é pouco. Até pareceu a Léo que sua mãe tinha esfregado os olhos para ter certeza de que estava vendo seu filho. Depois, ele viu Mariana sorrindo e acenando para ele. Daniel, um pouco depois de Léo, também se levantou de seu assento e ficou ao lado de seu amigo. Foi um momento tão maravilhoso e solene! O pastor fez uma oração especial por todos que tomaram essa decisão importante. Um minuto depois, Léo estava de volta em seu lugar, e depois a reunião acabou. Léo abraçou Daniel.

- Bem, estou feliz, meu amigo. Estou feliz que tomamos essa decisão juntos.

- Eu decidi há muito tempo que seria batizado, mas não havia ocasião para dar um passo mais decisivo. Estou feliz que o momento tenha chegado. Estou feliz por você.

- Léo, eu simplesmente não sei o que dizer - mamãe e papai se aproximaram dele alguns minutos depois, abrindo caminho pela multidão de pessoas. - Foi tão inesperado para nós, mas estamos

muito felizes com sua decisão de ser batizado. Se precisar, podemos ajudá-lo a se preparar.

- Obrigado.

A mãe e o pai se revezaram abraçando Léo.

- Vamos para casa. Você vai ficar para o almoço, não vai?

- Sim, vamos ficar aqui até a noite.

- Eu assei uma torta e já deixei lá embaixo. Sirva minha torta e as rosquinhas para a Mariana e para o Daniel.

- Tudo bem! Se conseguirmos pegá-las antes dos outros.

Na entrada, Mariana, que estava ajudando a servir o almoço, se aproximou de Léo por trás e o cutucou no ombro.

- Olá.

- Ah, oi.

- Hoje é o seu dia, há uma longa fila para você.

- Ah, não! Isso não é verdade.

- Eu vi que seus pais ficaram muito felizes com a sua decisão. Também quero parabenizar você. Esse é o passo mais importante da sua vida. Para ser honesta, fiquei surpresa que você tenha aceitado o apelo hoje.

- Por quê?

- Nas últimas duas semanas, você parecia triste. Pensei que estava para baixo, mas hoje você está radiante!

- Bem, ultimamente tenho passado por muita coisa.

- Era o que eu pensava. Que você sempre seja alegre e feliz como hoje.

- Obrigado.

- O almoço começa em 1 minuto. Você já foi ao salão do andar de baixo?

- Estou indo para lá. Quer que eu guarde um lugar para você?

- Obrigado. Preciso de um pouco mais de tempo para ajudar com os preparativos finais. Hoje há muitos convidados.

- Daniel e eu estaremos esperando por você.

- Fechado.

***

A hora do almoço foi animada e barulhenta. Todos parabenizaram as crianças que tinham se tornado desbravadoras. Diego observou aqueles que haviam decidido ser batizados. Léo ficou envergonhado com a atenção quando ele e os outros foram convidados a ficar de pé e receberam uma salva de palmas. Mas ele não lamentou nem por um momento ter dado esse passo tão importante. Marina e Renan também vieram cumprimentá-lo após o almoço. Para Léo, parecia seu aniversário, pois ele recebeu muitos cumprimentos e saudações. Após o almoço, todos decidiram brincar com um jogo, tentando descobrir quais eram os personagens bíblicos uns dos outros. Eles foram divididos em dois times. Cada participante de um dos times tentava descrever um personagem específico dando dicas ou respondendo perguntas. Quando um dos times sabia qual era o personagem, eles diziam "contato" e começavam a contar até cinco, e depois disso tinham que dizer o nome simultaneamente. Os participantes do time oposto tinham que ser os primeiros a dizer qual era o nome e impedir que o outro time ganhasse pontos.

- Então - Natália disse - ele nadou por um longo tempo, sem saber nadar. Quem sabe quem é? Do Antigo Testamento!

- Contato! - gritou Wagner e começou a contar.

- Noé! - Henrique interrompeu sua contagem.

Wagner acenou com a mão frustrado.

- Não é um profeta saboroso! - Helena disse.

- Contato! - Wagner gritou novamente.

Desta vez ele conseguiu contar até cinco e eles disseram em uníssono:

- Jonas!

- Ótimo! Um ponto para o time da direita!

- Árvore para ver! - Tomás disse.

- Contato! - Vanessa disse e começou a contar.

- Zaqueu - Tomás e Vanessa disseram em uníssono.

- Ótimo! - Diego disse. - Um ponto para o seu time.

- Jogamos até dez pontos. Continuem e ofereçam suas opções - acrescentou Renan.

As crianças jogaram por mais 20 minutos. Depois, outro jogo.

Quando a reunião terminou, estava escurecendo lá fora. Daniel, Mariana, Léo e os outros saíram para a rua.

O cheiro das flores estava no ar, e pérolas de luz brincavam na superfície das poças após a chuva. Mariana estava contando seus planos para o verão e, pela primeira vez em muito tempo, Léo estava sorrindo, pensando que tudo ficaria bem. Tudo ficará bem. Levantando os olhos para o céu, ele apenas disse: *Obrigado!*

VOTO DO DESBRAVADOR

PELA GRAÇA
DE DEUS,
SEREI
PURO,
bondoso e leal;
GUARDAREI **A LEI DO**
DESBRAVADOR, SEREI
SERVO DE DEUS
E AMIGO DE TODOS.

A LEI DO DESBRAVADOR

ordena-me:

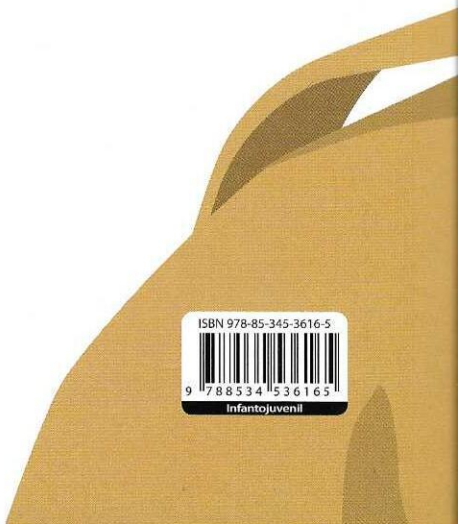
OBSERVAR A DEVOÇÃO MATINAL;
CUMPRIR FIELMENTE A PARTE QUE ME CORRESPONDE;
Cuidar de meu **CORPO;**
MANTER A CONSCIÊNCIA LIMPA;
Ser cortês e OBEDIENTE;

ANDAR COM REVERÊNCIA NA CASA DE DEUS;
Ter sempre um **cântico no coração;**
IR AONDE DEUS MANDAR.

Léo está de volta.

Desta vez, você poderá mergulhar em divertidas aventuras escolares, além de fazer um *rafting* com ele e outros desbravadores. Mas nem tudo é tão simples.

Por que os amigos se afastam da gente às vezes? Como encontrar o sentido da vida e escolher uma profissão? Léo conseguirá retomar suas amizades? Que decisão importante tomará desta vez? As respostas estão todas neste livro.



CPB

ISBN 978-85-345-3616-5

Infantojuvenil